



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JULIO
DE MESQUITA FILHO" (UNESP)
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS (FCL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESCOLAR**

FRANCISLETH PEREIRA BATTISTI

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO PELA LINGUAGEM DE
MODA EM UM GRUPO DE ESTUDANTES DO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

**ARARAQUARA, SP
ABRIL DE 2015**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO
DE MESQUITA FILHO” (UNESP)
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS (FCL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESCOLAR**

FRANCISLETH PEREIRA BATTISTI

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO PELA LINGUAGEM DE
MODA EM UM GRUPO DE ESTUDANTES DO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, SP, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Sexualidade, Cultura e Educação Sexual

Orientadora: Profa. Dra. Célia Regina Rossi

**ARARAQUARA, SP
ABRIL DE 2015**

BATTISTI, FRANCISLETH PEREIRA
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO PELA LINGUAGEM DE
MODA EM UM GRUPO DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL
II / FRANCISLETH PEREIRA BATTISTI – 2015
118 f.

Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) –
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita
Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus
Araraquara)

Orientador: Célia Regina Rossi

1. MODA. 2. GÊNERO. 3. SEXUALIDADE. 4. EDUCAÇÃO. 5.
EDUCAÇÃO SEXUAL. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO
DE MESQUITA FILHO” (UNESP)

FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS (FCL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESCOLAR

FRANCISLETH PEREIRA BATTISTI

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO PELA LINGUAGEM DE
MODA EM UM GRUPO DE ESTUDANTES DO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Linha de pesquisa: Sexualidade, Cultura e Educação Sexual

Orientadora: Profa. Dra. Célia Regina Rossi

Data da Defesa: 10 de fevereiro de 2015.

Local: Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, SP.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Célia Regina Rossi
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Rio Claro, SP)

Membro Titular: Profa. Dra. Cláudia Pereira Vianna
Universidade de São Paulo (São Paulo, SP)

Membro Titular: Profa. Dra. Mara Rúbia Sant’Anna
Universidade do Estado de Santa Catarina (Florianópolis, SC)

RESUMO

Esta pesquisa apresenta as Representações Sociais de Gênero de estudantes do Ensino Fundamental II pela linguagem de Moda. Essa análise entende que o ato de vestir produz representações que influenciam as relações sociais escolares entre alunos e alunas. Essa proposta centra-se em um estudo de cunho qualitativo, dentro de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental II do interior paulista, com intuito de identificar as concepções das estudantes acerca da sexualidade e de gênero pela linguagem da moda. Para a realização desta pesquisa utilizamos um grupo focal apresentando imagens e trabalhando com a técnica de livre associação objetivando colher percepções, valores, atitudes e ideias das adolescentes a respeito das questões de gênero. Utilizamos a Teoria das Representações Sociais e Gênero como categorias de análise. Notamos que as concepções trazidas pelas estudantes ainda carregam discursos conservadores, racistas e homofóbicos. Pretendemos contribuir com a compreensão da relação sexualidade/moda/educação escolar, além da produção de conhecimento interdisciplinar.

Palavras-chave: Moda; Sexualidade; Gênero; Representações sociais.

ABSTRACT

This research presents the Social Representations of Gender of secondary school students by the language of Fashion. This analysis indicates that the act of dressing produces representations that influence school social relationships between male and female students. This project focus on a qualitative character study, inside a State Secondary School in São Paulo State, for the purpose to identify the conceptions of students about sexuality and gender by the language of fashion. For this research we realize a focus group showing images and working with the technique of free associations intending to gather the perceptions, values, attitudes and ideas from the adolescents about the gender issues. We used the Social Representation of Gender Theory as an analytical category. We noticed that the conceptions brought by the adolescents still bring conservative, racist and homophobic discourses. We intend to contribute with the comprehension of the relationship sexuality / Fashion / school education, in addition to the interdisciplinary knowledge production.

Keywords: Fashion; Sexuality; Gender; Social Representations.

AGRADECIMENTOS

Às professoras Cláudia Pereira Vianna e Mara Rúbia Sant'Anna membros da Banca Examinadora, por terem atendido ao convite para desempenhar este papel, dispondo de seu tempo e conhecimentos para analisar e enriquecer esta pesquisa.

À orientadora Célia Regina Rossi que em meio a tantos revezes em sua vida, encontrou espaços em sua agenda, quer por celular, por e-mail, na UNESP em Araraquara, na UNESP em Rio Claro, na UFSCar ou até mesmo em sua residência em Piracicaba para me orientar.

À CAPES por apoiar esta pesquisa durante cinco meses.

Agradeço:

Aos pés que caminharam ao meu lado nessa jornada;

Às mãos que me apoiaram em momentos difíceis;

Aos ouvidos que ouviram minhas incertezas e risadas;

As mentes que generosamente compartilharam seus saberes;

Agradeço as amigadas, as fofuras, os amores, as boas energias, os risos, o companheirismo, os beijos, os abraços e todos os bons sentimentos com que me embalaram até aqui.

*“Hoje desaprendo o que tinha aprendido até ontem
e que amanhã recomencarei a aprender.”*

Cecília Meireles

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Mães adolescentes por bairros	45
Figura 2 Modelo branca	59
Figura 3 Mulher negra	61
Figura 4 Mulher	62
Figura 5 Jovem.....	63
Figura 6 Modelo Negra - Alek Wek	64
Figura 7 Modelo Adolescente.....	66
Figura 8 Casal homoafetivo.....	67
Figura 9 Casal	68
Figura 10 Adolescentes.....	69
Figura 11 Mulher	70
Figura 12 Adolescente	71
Figura 13 Casal homoafetivo.....	72
Figura 14 Modelo <i>Plus size</i>	73
Figura 15 Léo Áquilla	74
Figura 16 Valesca Popozuda	76
Figura 17 Anitta	77
Figura 18 MC Guimê	78
Figura 19 Nany People.....	79
Figura 20 Jovem negro	80
Figura 21 Adolescente	81
Figura 22 Pessoas	82
Figura 23 Moletom GAP	92
Figura 24 Camiseta GAP.....	92
Figura 25 Bermuda Hollister	92
Figura 26 Moletom Hollister.....	92
Figura 27 Boné Hollister.....	92

Figura 28 Camiseta Hollister	92
Figura 29 Passinho do Romano	93
Figura 30 Tênis Springblade	93
Figura 31 Uniforme Escolar	94

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Discursos sobre modelo branca	59
Quadro 2 Discursos sobre mulher negra.....	61
Quadro 3 Discursos sobre mulher.....	62
Quadro 4 Discursos sobre jovem	63
Quadro 5 Discursos sobre modelo negra	64
Quadro 6 Discursos sobre modelo adolescente.....	66
Quadro 7 Discursos sobre casal homoafetivo	67
Quadro 8 Discursos sobre casal	68
Quadro 9 Discursos sobre adolescentes.....	69
Quadro 10 Discursos sobre mulher.....	70
Quadro 11 Discursos sobre adolescente	71
Quadro 12 Discursos sobre casal homoafetivo	72
Quadro 13 Discursos sobre modelo <i>plus size</i>	73
Quadro 14 Discursos sobre Léo Áquilla	74
Quadro 15 Discursos sobre Valesca Popozuda	76
Quadro 16 Discursos sobre Anitta.....	77
Quadro 17 Discursos sobre MC Guimê.....	78
Quadro 18 Discursos sobre Nany People	79
Quadro 19 Discursos sobre jovem negro	80
Quadro 20 Discursos sobre adolescente	81
Quadro 21 Discursos sobre pessoas de costas	82
Quadro 22 Roupas que usariam	83
Quadro 23 Roupas que não usariam	84
Quadro 24 Meninos que gostaram	85
Quadro 25 Imagens consideradas mais masculinas	86
Quadro 26 Imagens consideradas mais femininas.....	87
Quadro 27 Discursos sobre Moda.....	88
Quadro 28 Discursos sobre aparência	89

Quadro 29 Algumas roupas citadas	92
Quadro 30 Funk e Marca	93
Quadro 31 Discursos sobre uniforme escolar	94
Quadro 32 Discursos sobre idade	95
Quadro 33 Discursos sobre altura.....	96
Quadro 34 Discurso sobre roupas inadequadas	96
Quadro 35 Discursos sobre expectativas.....	97
Quadro 36 Discursos sobre homossexualidade	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. MODA.....	17
2.GÊNERO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE.....	24
2.1 Relações de gênero.....	28
3.REPRESENTAÇÕES SOCIAISDEGÊNERO	31
3.1 Representações Sociais e Moda	35
4. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	41
4.1 Objeto de estudo	41
4.2 Natureza da Pesquisa.....	42
4.3 Local da pesquisa: bairro e a escola	43
4.4 Instrumentos Metodológicos	47
4.5 Aspectos Éticos	50
5. AS VOZES DAS ADOLESCENTES: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DESVELADAS	51
5.1 Representações Imagéticas	56
5.2 Representações das Preferências.....	82
5.3 Representações de Moda.....	87
5.4 Representações de Gênero.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS.....	108
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	115
APÊNDICE B – Termo de autorização de gravação e de uso.....	118
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	119

INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre a moda e a construção de imagens e sujeitos, existe a necessidade de analisá-la dentro do panorama histórico, social, cultural e estético, visto que o vestuário produz códigos e expressa identidades, permeado por símbolos e linguagens próprias.

A moda está ligada, atualmente, a diversas linguagens e expressões culturais, a partir das conexões estéticas e funcionais estabelecidas entre elas e os valores de consumo na modernidade. É visível a necessidade de estudos desses valores e das formas de socialização características da organização social moderna.

Apresenta-se o desafio de relacionar o sistema material de produção e consumo das roupas com o sistema simbólico de produção e consumo de moda. Mostra-se a necessidade de fixar um entendimento menos fragmentário a respeito de algo que se tornou "lugar comum", que se integrou ao cotidiano das sociedades contemporâneas, mesmo sem afetar seus membros da mesma maneira. Para Baldini (2006, p. 10), "nos dias de hoje, a moda tornou-se um fenômeno social de difícil definição dada a sua amplitude e a diversidade de opiniões de que tem sido objeto".

Neste contexto, o conceito de gênero incitou questionamentos acerca das especificidades que caracterizam homens e mulheres. Permitiu buscar nas relações sociais, elementos para analisar o conjunto de conhecimentos que permeavam os corpos femininos e masculinos e atribuíam sentido à existência da mulher e do homem. Admitir que o corpo possui significados socialmente construídos deslocou para o âmbito social uma discussão que antes se dava apenas no campo biológico (LOURO, 2011).

Esta pesquisa propôs o entrelaçamento das categorias Representações Sociais, Moda e Gênero, na busca pela compreensão da moda como fenômeno social no ambiente escolar, principalmente suas características contemporâneas de produção/sustentação de um conjunto de símbolos culturais e suportes materiais (no caso o vestuário), os quais se articulam de maneira complexa com as demandas e valores de consumo de indivíduos e grupos sociais específicos. A pergunta que norteou este estudo é: **de que forma a moda influência as representações sociais de gênero das adolescentes do Ensino Fundamental II?**

No intuito de compreendermos esses conhecimentos construídos, individual e coletivamente sobre os corpos recorreremos a Teoria das Representações Sociais. O conceito de representação social parte de uma abordagem sociológica da Psicologia Social, seu sentido deve ser compreendido como um conjunto de opiniões, conceitos e explicações que são elaborados pelos grupos sociais, a partir das comunicações e experiências da vida cotidiana, no intuito de significar os elementos do mundo físico (MOSCOVICI, 2013).

Trilhamos um percurso teórico enfatizando duas perspectivas: a de gênero, utilizando a abordagem de Guacira Louro e Joan Scott, e a das Representações Sociais, segundo a abordagem de Serge Moscovici. Lançando mão das dicotomias identidade-distinção e social-individual, utilizamos autores influentes no debate sociológico sobre a moda, Lipovetsky (1989), Bourdieu (1979), Simmel (2005), entre outros, o que nos possibilitou compreender como os diferentes autores refletiram a evolução do fenômeno de moda e sua importância para o campo das Ciências Humanas.

Como espaço de pesquisa optamos por uma Escola Estadual Pública de Ensino Fundamental II, com meninas de sexto ano, com 12 anos de idade. Fazemos nossas as palavras da estudiosa Guacira Lopes Louro de que não pretendemos atribuir à escola o poder e a responsabilidade de explicar as identidades sociais, nem determiná-las de forma definitiva. Contudo, levamos em conta que suas proposições, imposições e proibições constituem parte significativa das histórias pessoais (LOURO, 2000).

Para responder a pergunta que direciona essa pesquisa o texto foi dividido em cinco capítulos, os quais foram construídos com a finalidade de organização do trabalho, seguidos de uma seção com as Considerações Finais.

No primeiro capítulo definimos o conceito de moda, delimitamos sua origem histórica e o contexto que tornou seu surgimento possível. Apresentamos a história da moda em três momentos, a saber: Moda Aristocrática, Moda de Cem Anos e Moda aberta. Depois refletimos sobre seu desenvolvimento no mundo moderno e a relacionamos à um sistema de linguagem, que serve para comunicar, mas também não comunicar.

Em seguida, no segundo capítulo é explicitada a formação do conceito de gênero, utilizando autoras como Louro (1997) e Saffioti (1992), a partir das

teorias feministas e como se constituem as relações de gênero na sociedade e mais especificamente, no contexto escolar.

O terceiro capítulo explicita a Teoria das Representações Sociais, postulada por Serge Moscovici (2000) e como se configuram as Representações sociais de gênero. Articulamos os conceitos relacionando a Moda, com as representações sociais e as relações de gênero considerando que estas são impulsionadas e fortemente influenciadas pela cultura midiática e visual.

O quarto capítulo apresenta os aspectos metodológicos e éticos da pesquisa, explicitando o objeto de estudo, natureza da pesquisa, local da pesquisa e os instrumentos utilizados para a coleta dos dados.

O quinto capítulo apresenta e discute os dados coletados em uma Escola Pública do interior paulista, com adolescentes¹ do sexto ano do Ensino Fundamental II. Apresentamos as representações imagéticas, de preferências, de moda e de gênero das alunas, o foco são os valores, crenças, concepções e representações levantadas durante a realização de um grupo focal.

Por fim, nas Considerações Finais explicitamos as análises que desenvolvemos nessa pesquisa e as possíveis direções suscitadas pela dissertação.

¹Tomamos como parâmetro o Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu Art. 2º “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos e adolescentes aquela entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 1990).

1. MODA

A moda é um dos fenômenos mais influentes da civilização ocidental, abrangendo um número crescente de áreas de atividade do homem moderno e passou a nos parecer quase “natural” (SVENDSEN, 2004). É importante então, elucidarmos seu surgimento em nossa sociedade. Para falarmos de moda, é importante começarmos pelo surgimento das roupas.

A produção têxtil se iniciou nas antigas civilizações, como destaca Aragão,

No Neolítico ou Nova Idade da Pedra, as civilizações antigas viveram intensas transformações culturais decorrentes das grandes migrações e de adoção de novas técnicas para dominar seu meio. O uso dos primeiros metais, na fase que sucede o Neolítico, possibilitou a invenção de instrumentos para facilitar a transformação da matéria-prima, contribuindo assim decisivamente para realizar a arte da manufatura de tecidos (Burns, 1975). Foi neste período que o homem começou a fiar e a tecer, confeccionando as primeiras vestimentas de linho, algodão e lã (ARAGÃO, 2002, p. 45).

Desde então, o tecido e a indumentária estão presentes na maioria das sociedades, porém a moda como fenômeno social não é um acontecimento universal.

Para Jennifer Craik (1994) a moda não é um fenômeno exclusivamente moderno e ocidental, o autor defende que encontramos moda – como mudança externa intencional da aparência – em várias culturas e idades, sempre e em qualquer lugar onde existam pessoas que queiram expressar sua individualidade. Segundo essa perspectiva, a principal diferença entre a época moderna e as culturas tradicionais não está na existência ou não da moda, mas na rapidez e regularidade dessas transformações. Outros autores (Cosgrave, 2007; Newman, 2001) também consideram que a moda existe desde que o homem começou a cobrir seu corpo com peles e tecidos primitivos de fibras naturais.

Entretanto, para alguns estudiosos (Edward Sapir (1931), Simmel (2005), Roland Barthes (1979), Gilles Lipovetsky (1989), Gilda de Mello e Souza (1993), Mara Rúbia Sant’Anna (2007)), a moda é um fenômeno social moderno, que teve origem no ocidente, mais precisamente na Europa, durante a transição do

feudalismo para o capitalismo, e que acompanha o ritmo da expansão deste modo de produção, consumo e estilo de vida ao redor do mundo. Assim, a moda, no sentido de “rotação acelerada do ciclo de vida das roupas”, só nasce por volta dos séculos XIV e XV, na Europa Ocidental (CALDAS, 1999), desse modo, ocorre a valorização do sujeito por sua aparência, o que implica em um *ethos* firmado no campo estético e não no moral.

Segundo essa visão o advento da moda é inseparável do nascimento e desenvolvimento do mundo moderno ocidental, pois somente a partir do final da Idade Média europeia se tornou possível reconhecer uma ordem própria, um sistema de significados, mudanças constantes, movimentos bruscos, extravagâncias e outros aspectos específicos que diferenciam a moda do vestir cotidiano.

Portanto, a moda nasceu quando a renovação das formas de viver e vestir se tornou um valor mundano, quando a inconstância em matéria de formas e ornamentações deixou de ser uma exceção, tornando-se a norma social aceita (LIPOVETSKY, 1989). Assim, adotamos para esta pesquisa o pressuposto dos autores que consideram a moda um fenômeno moderno.

Existem dois fatores essenciais que distinguem a moda nas sociedades capitalistas modernas, do vestuário nas demais sociedades, sejam elas as civilizações antigas ou as comunidades indígenas contemporâneas, a saber: 1) a velocidade nas mudanças cíclicas dos usos e costumes e 2) uma irracionalidade, que consiste na mudança pela mudança (SVENDSEN, 2004).

Nas sociedades anteriores ao capitalismo, a legitimidade sobre os usos e costumes se dava através das narrativas míticas, perpetuando o legado ancestral e impondo em toda parte a regra da imobilidade, a repetição dos modelos do passado e um conservantismo na maneira de ser e parecer (LIPOVETSKY, 1989).

A força combinada das mudanças proporcionadas pelo surgimento do moderno sistema de Estado territorial laico e do modo de produção capitalista criou um movimento incessante de transformação (MARX; ENGELS, 1998). O corolário e condição para esta transformação foi a centralidade adquirida pela individualidade. Com isso, as variações vertiginosas proporcionadas pelas influências externas (do Estado ou relações de produção e consumo) explicam parte do imperativo de renovação regular próprio da moda, dado que o próprio processo de individualização constitui mecanismo propulsor importante para a explicação do fenômeno

(LIPOVETSKY, 1989). Lipovetsky (1989) explicita a história da moda em três momentos, a saber: Moda aristocrática, Moda de Cem Anos e Moda aberta.

A Moda Aristocráticas e inicia com a própria moda, no fim da Idade Média, e termina no século XIX. Dado o desejo de assemelharem-se aos seus superiores, os indivíduos imitavam seus costumes e aparência, e aqueles mudavam sua aparência para retomar sua diferenciação. Os nobres imitavam o rei e os burgueses imitavam os nobres. Contudo, mesmo essa dinâmica permitia a expressão do indivíduo, pois os burgueses mudavam os excessos aristocráticos de acordo com seus valores (LIPOVETSKY, 1989).

A Moda de Cem Anos começa com Charles Frederic Worth, o primeiro costureiro, na metade do século XIX, que abriu caminho para a moda moderna ao transferir a criação dos clientes para os costureiros, que a partir de então os recebiam em seu atelier. Lipovetsky (1989, p. 70) afirma que a Moda de Cem Anos era um “sistema bipolar fundado sobre uma criação de luxo e sob medida, opondo-se a uma produção de massa, em série e barata, imitando de perto ou de longe os modelos prestigiosos e *griffés* da Alta Costura”.

Esse sistema ao permitir o consumo das tendências pela massa, agora através da imitação feita por costureiros menores e pela indústria, “não só aproximou as maneiras de vestir-se, como difundiu em todas as classes o gosto das novidades, fez das frivolidades uma aspiração de massa, enquanto concretizava o direito democrático à moda instituído pela Revolução” (LIPOVETSKY, 1989, p. 78). Mesmo servindo à massificação das inovações no traje, essa configuração permite, mais que a anterior, que os indivíduos diferenciem-se entre si, pois a Alta Costura multiplica os modelos e incita a variedade entre as mulheres.

A mudança da lógica das tendências se dá com o nascimento da Moda Aberta, a partir de 1960. A hegemonia da Alta Costura chega ao fim e dá lugar aos criadores do *prêt-à-porter*, que se torna a encarnação do “espírito de moda em sua expressão mais viva” (LIPOVETSKY, 1989, p. 113).

A moda se desvincula do luxo e impregna-se de audácia e juventude dos novos protagonistas, os estilos são múltiplos, contemporâneos, justapostos, e a indústria sai vitoriosa ao tornar desejáveis as roupas produzidas em série. “Mais nenhuma hierarquia homogênea comanda o sistema da moda, mais nenhuma instância monopoliza o gosto e a estética das formas” (LIPOVETSKY, 1989, p. 117).

A Moda Consumada diz respeito a dilatação, a explosão da moda em seus limites, “estamos imersos na moda, um pouco em toda parte e cada vez mais se exerce a tripla operação que a define propriamente: *o efêmero, a sedução, a diferenciação marginal*” (LIPOVETSKY, 1989, p. 155, grifo no original). A moda se estende ainda mais na vida coletiva e abrange todas as classes sociais. Caldas (2004) destaca que a difusão das tendências não se origina apenas das elites. A rua é a procedência da maioria das tendências, onde cada indivíduo exhibe suas escolhas e pode influenciar as outras pessoas.

Barthes (2005) afirma que a linguagem humana é analisada em duas formas (fala e escrita), o vestuário abrange duas formas: indumentária e traje. A indumentária seria uma realidade institucional, social e coletiva, independente do indivíduo, já o traje ou roupa constituiriam uma realidade individual, por meio da qual os indivíduos atualizariam em si a instituição geral da indumentária, sendo o verdadeiro ato de vestir-se.

Em uma sociedade moderna repleta de significações de moda, o “homem-comum” encontra no “outro-célebre” uma referência de comportamentos que acabam por representar, a nível global, o comportamento coletivo da sociedade. Na moda, o homem se insere como indivíduo ativo no processo de construção de uma linguagem coletiva.

Podemos pensar a condição estética, no jogo do espetáculo, o homem se anula individualmente para dar lugar ao anunciado pelo sistema, para se prostrar diante do homem-célebre (ou mulher-célebre), aquele que conseguiu, em algum aspecto, sobressair-se no sistema. A moda incita a exibição para destacar os padrões que o sistema deseja difundir, neste sentido, a moda cria e se recria, constrói e desconstrói.

Nessa perspectiva a moda está submetida à dinâmica do mundo moderno, fortalecendo sua relação com o poder imagético, conquistado por formas; modificando as percepções do eu e do outro; mesclando desconfortos e satisfações, sujeitando o homem ao mundo visual. Assim, seu campo de lutas é o corpo e a mente, empenhados em se moldarem ao que é difundido pelo sistema. Explora o corpo no seu íntimo, extrai dele todo sentido que se mostre oportuno.

Com esse fermento para o espetáculo, a moda está no centro dos fenômenos estéticos do século XXI, como a responsável pela expressão do homem,

a expressão nascida do íntimo e exposta no corpo, tendo a roupa como instrumento da sua linguagem. O corpo é a referência para essa linguagem, pois ele vai portar os símbolos de comunicação que construirão a sua visibilidade e identificação. “Em uma sociedade imagética, em que o sujeito é definido por sua aparência, não há como desconsiderar o sofrimento psíquico decorrente de todas as regulações sociais que incidem sobre o corpo, sobretudo o feminino” (NOVAES, 2011, p.477).

Baitello (2000) aponta que a comunicação sempre se inicia com o corpo, que é por ele definido como “mídia primária”. Já a “mídia secundária” é constituída por objetos: máscaras, adereços, roupas, imagens, pinturas etc., usados para representar a mensagem.

Ao analisarmos a contemporaneidade pela lente da moda, e observarmos os fenômenos socioculturais a partir desse viés, notamos o reflexo das manifestações sociais, políticas, econômicas, culturais e estéticas das épocas estudadas. Assim, “poucos fenômenos exibem, tanto quanto a moda, o entrelaçamento indissolúvel das esferas do econômico, social, cultural, organizacional, técnico e estético” (SANTAELLA, 2004, p. 115). A moda se mostra um campo rico para análises quando vista como um esboço comportamental das sociedades, quando encarada como um ambiente onde os indivíduos manifestam valores, criam/recriam sentidos e valores através da estética.

Para Santaella (2004, p. 121) a socialização dos corpos dos indivíduos se dá pelas roupas, é no jogo das aparências que o ser social mostra seu eu em relação ao ambiente. Por meio dessa encenação discursiva que a moda propicia o indivíduo age e reage socialmente, tendo na roupa, uma linguagem própria significativa, atuando como formas do indivíduo compreender o meio e lançar mão de formas de identificação com grupos e tribos.

Ao relacionarmos a moda com o sistema de consumo nos apoiamos em Baudrillard (1995, p. 17), ao afirmar que ela imita a desordem, para seduzirem si mesma, reordena o todo, em um jogo de manipulação visual capaz de promover a perfeição volátil da estética. Antes que o indivíduo perceba, ele já faz parte das características que o campo da moda engloba, isto porque, ela não é somente o

espetacular. É também, a visibilidade do corriqueiro, do mundano e do anônimo. O homem reafirma ou nega a moda espetacularizada².

As sociedades atuais valorizam as formas como se estas fossem a própria essência do indivíduo, como esclarece Miskolci: “A ideia que permanece nessa sucessão de ideais corporais e jogo de aparências é a de que o corpo refletiria a alma, o caráter” (MISKOLCI, 2006, p.687). A forma apresenta uma faceta análoga ao real sentido interior. O corpo-vitrine, o corpo-objeto é instrumento de felicidade e sedução, onde se expressam os anseios e carências do ser humano. A moda, com sua dinâmica própria impulsiona os corpos em direção à juventude, à estética narcisista, a felicidade interior almejada, pelo domínio das formas exteriores. “A moda tem ligação com o prazer de ver, mas também com o prazer de ser visto, de exhibir-se ao olhar do outro” (LIPOVETSKY, 1989, p. 39).

Pensamos na seguinte contradição: a moda apresenta valores libertários em busca da felicidade do indivíduo, mas delimita padrões estéticos rígidos. O corpo, nesse contexto, é moldável, toma a forma desejada pela criatividade do sistema. A cada modelagem que renova-se, exclui-se do seu interior qualquer forma corpórea que fuja do padrão estabelecido, apresentando sua face limitadora das expressões individuais na sociedade. A liberdade que ela promove é relativa ao tempo, ao espaço e a sociedade que lhe é alvo, mas promove uma angústia coletiva nas sociedades movidas às formas.

A moda está ligada à sedução e é fruto de um sistema coercitivo, onde a estética é apenas uma das formas de apresentação/representação de poder. O sistema capitalista promove sua sobrevivência, perpetua sua essência, ao compor um quadro propício a efemeridade constitutiva do campo. As altas linhas de produção de mercadorias possibilitaram a expansão de seus produtos, ao mesmo tempo contribuíram para a homogeneização da estética. “Corpo é também capital. Tem valor de troca ou, como bem, adquire um *status* a partir das insígnias que carrega. Esses signos, condensados na figura do belo corpo, traduzem os valores da cultura da sociedade de consumo (NOVAES, 2011, p.484)”.

² Segundo Debord (2003) o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas a relação social mediatizada por imagens. Para o autor em todas as sociedades com condições modernas de produção se acumulam espetáculos, tudo se esvai na fumaça da representação.

A moda permite que cada um exponha algo sobre si. Para tanto, é necessário buscar um tempo e um lugar para se traduzir essa história social para cada indivíduo nela inserido. O próprio homem teve que descobrir que poderia se comunicar por meio da roupa. Entretanto, antes disso ele teve que entender quem era esse eu da roupa, teve que se descobrir, experimentar sua própria existência como indivíduo dentro de uma sociedade específica.

Assim, a moda não se limita a individualidade, nem se isola da sociedade ou do grupo em que se manifesta, mas se produz, principalmente, no contexto sociocultural, em meio a fatores históricos, econômicos e estéticos. Tem-se, então, a moda ditada por fenômenos sociológicos que influenciam e determinam seu contexto estético, relacionando-se ao surgimento da sociedade de consumo; tendo-se convertido em um dos mercados mais característicos do Ocidente e da própria modernidade, não se limitando ao mundo das roupas.

O vestir de cada indivíduo carrega signos e forma uma imagem que é assimilada pelo outro, podendo ou não influenciar o modo como este outro escolhe se vestir e lidar com sua própria indumentária no cotidiano. Numa “sociedade de roupas”, ela delimita também, os espaços que o indivíduo pode ocupar, onde ele é aceito socialmente. A moda expressa de forma visível a realidade essencialmente dialética e dinâmica da sociedade, com suas interconexões, entre as múltiplas formações sociais, entre os indivíduos e as classes.

2.GÊNERO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE

Gênero é considerado uma categoria analítica recente, atualmente presente em páginas de jornal e textos que orientam as políticas públicas, este nasceu do diálogo entre o movimento feminista, teóricas e pesquisadoras de diversas disciplinas – história, sociologia, antropologia, ciência política, demografia, entre outras.

Figura chave desse movimento de ideias é a filósofa Simone de Beauvoir, que em 1949 escreveu o livro *O Segundo Sexo*, dando novo impulso à reflexão sobre as desigualdades entre homens e mulheres nas sociedades modernas sobre o porquê do feminino e das mulheres serem concebidas dentro de um sistema de relações de poder que tende a inferiorizá-las.

Em cada período histórico as questões de gênero apresentam visões diferentes, seja na época dos primeiros estudos feministas, seja na abordagem onde aparecem conceitos de gênero, de forma mais explícita. Desse modo, as representações sociais de gênero das crianças nos dias atuais podem, em alguns pontos, trazer questões que já foram discutidas pelas teorias feministas desde o início de suas problematizações até a construção do conceito de gênero.

De acordo com Mireya Suárez (1997), embora esse conceito esteja bastante difundido ele passou por profundas discussões, antes de chegar às primeiras problematizações, passou por um forte questionamento com os estudos da mulher nos movimentos feministas a partir da década de 60, até chegar às concepções não fixas presentes hoje em dia. Tendo em vista a complexidade do conceito de gênero, verificamos que ele começou a ser problematizado com as primeiras críticas à forma como as mulheres eram representadas, sendo primeiramente discutido sob o ponto de vista da mulher.

Se na atualidade o conceito de gênero pode representar um aspecto fundamental das relações de poder onde são problematizadas as relações entre mulheres e homens, entre mulheres e mulheres e entre homens e homens, construídas e representadas social e culturalmente, atingir esse entendimento não foi tarefa fácil e ainda hoje a aceitação não é homogênea.

As discussões iniciais ocorreram sobre os fatores biológicos e os fatores socioculturais, sendo entendido como construção social, psíquica

(emocional) e cultural das diferenças e das relações entre o feminino e o masculino, ou como o ser humano é construído culturalmente como mulher e homem. O discurso sobre essa temática passou por várias transformações conceituais, as quais, no decorrer dos tempos, foram tratando o gênero (nem sempre com esse nome) de formas bastante peculiares.

Partimos da consideração que a temática de gênero teve início no movimento feminista no ocidente³. Assim, apresentamos esse movimento, apontando suas características no que diz respeito às formas como a mulher foi representada e como essas interpretações influenciaram a construção do conceito de gênero.

A Primeira onda feminista foi marcada pela separação entre o feminismo e a vida acadêmica. Para Mireya Suárez (1997) as questões sobre a mulher não eram problematizadas, pois eram determinadas pela ordem biológica. A autora afirma que vários estudos foram realizados com tribos norte-americanas e como nelas o evolucionismo era preponderante, a posição social da mulher era determinada por um processo de evolução de uma sociedade primitiva para uma sociedade civilizada.

Esses estudos foram importantes na medida em que começaram a falar no assunto, mesmo sem problematizá-lo. Porém, a teoria desenvolvida era bastante limitada. Nesse período não houve sequer a possibilidade de distinção entre sexo e gênero, pois tudo era explicado pela biologia.

De 1920 até 1960 o feminismo foi fortemente marcado pela ruptura entre fatores biológicos e fatores sociais. Uma das questões principais, reivindicadas nessa época, foi o direito ao voto (sufragismo). Essa reivindicação, entretanto, estava fortemente “ligada a interesses das mulheres brancas de classe média”. (LOURO, 1997, p. 15).

Suárez (1997) afirma que Margareth Mead representou bem esse período, com seus estudos em diversas culturas, passou a contestar as relações entre mulheres e homens nos Estados Unidos. Ela não teve grande aceitação na época, porém marcou a temática da mulher na etnografia e a crítica das relações

³ Não desconsideramos as contribuições dos trabalhos de Alexandra Kollontai e Rosa Luxemburgo, tomamos nessa pesquisa as contribuições de pensadoras ocidentais no debate do gênero.

sob o ponto de vista da mulher. Assim, vemos nesse período já as problematizações em relação ao masculino e ao feminino.

A Segunda Onda Feminista foi além das preocupações sociais e políticas, se voltou para as construções teóricas, no qual o debate se deu entre estudiosas e militantes de um lado e os críticos do movimento feminista, do outro. Louro (1997) citando o ano de 1968 afirma que:

É, portanto, nesse contexto de efervescência social e política, de contestação e de transformação, que o movimento feminista contemporâneo ressurgiu, expressando-se não apenas através de grupos de conscientização, marchas e protestos públicos, mas também através de livros, jornais e revistas (LOURO, 2010, p. 16).

As transformações em curso, no plano da cultura, tinham sua expressão também na moda, como explicita Hobsbawm (2002) sobre a indústria de moda francesa, como um importante indicador das transformações nas relações entre os gêneros e entre as gerações e os seus papéis sociais, enfatizando a moda como um dos principais meios de exteriorização dessa transformação. Para o autor:

O que realmente mudou o mundo foi a revolução cultural da década de 1960. O ano de 1968 pode ter sido menos um ponto decisivo na história do século XX do que o ano de 1965, que não teve qualquer significação política, mas foi o ano em que pela primeira vez a indústria francesa de roupas produziu mais calças femininas do que saias (HOBSBAWM, 2002, p. 290).

É nessa época que, segundo Henrietta Moore (1988), surge à categoria universal da mulher, com a mulher estudando a mulher. Percebe-se um grande movimento de oposição e de crítica contra a negação da visão da mulher nas ciências sociais. Assim, o questionamento ultrapassou o campo prático e teve fortalecimento em estudos teóricos. Nesse período o assunto central era a mulher questionando sua posição no campo doméstico e no trabalho e não apenas as relações entre mulheres e homens. Esse processo foi considerado como imprescindível para a construção do conceito de gênero.

Maria Luiza Heilborn (1992) explicita que as grandes contribuições desse período podem ser resumidas em três pontos: 1) fortalecimento da consideração dos atributos culturais e sociais, já presente na problematização dos

estudos feministas; 2) definição da mulher como objeto e sujeito de pesquisa; e 3) a questão ideológica subjacente à subordinação feminina, grupos isolados de mulheres pesquisando no interior das instituições sobre esses assuntos.

Louro (1997) aponta esse período como uma época em que os estudos feministas estavam fortemente marcados pelo caráter político. Entretanto, ainda existiam aqueles que tentavam justificar as desigualdades sociais entre mulheres e homens com uma explicação biológica determinista. Tornou-se necessária a construção de um conceito diferente de sexo, as feministas dessa época iniciaram esse processo, mas, por uma questão do contexto da época, elas não o finalizaram. Era o conceito de gênero, para problematizar as relações entre homens e mulheres, analisando como o feminino e o masculino eram construídos, social, cultural e psiquicamente e como se relacionavam entre si.

A partir de 1980 o conceito de gênero começa a ser problematizado do ponto de vista relacional. A mulher não é o foco central, mas as relações e diferenças entre mulheres e homens. Gênero passa a ser conceituado justamente para se distinguir do conceito de sexo. Com as feministas anglo-saxãs *gender* passa a ser usado como distinto de *sex*.

No meio acadêmico o conceito de gênero vai ganhando espaço, o caráter social é visto como fundamental, mas não como único aspecto da diferença, pois o próprio gênero se constitui com e sobre corpos sexuados. Assim, a biologia não é negada, mas a ênfase é dada à construção social, cultural, histórica e psíquica produzida sobre os corpos.

Saffioti (1992) critica as feministas inglesas, as quais atribuem ao gênero um caráter social e ao sexo um caráter biológico, pois essa separação é uma forma dualista da concepção social. Saffioti (1992) pende para a concepção das feministas francesas as quais afirmam que o sexo, ou o biológico, também não está destituído do caráter social. Baseando-se em Foucault para justificar sua posição e as relações de poder presentes nas relações de gênero.

Saffioti (1992) também crítica o conceito de patriarcado absoluto, ao afirmar que a mulher não é totalmente dominada, pois o lado dominado não é somente dominado. Se o patriarcado fosse absoluto, as próprias feministas não teriam conseguido chegar aonde chegaram. Se o homem exerce poder para

dominar e manter sua dominação, a mulher exerce poder para tentar mudar essa situação e fazer valer a sua cidadania.

Nesse contexto Cyntia Sarti (1994) afirma que as condições de classe social não determinam as condições de gênero. Com um estudo em bairros populares do Brasil, ela chegou à conclusão que as relações entre mulheres e homens ocorrem sob o ponto de vista da autoridade, hierarquia e reciprocidade, independentemente da classe social.

É fundamental compreendermos o conceito de gênero e seu processo de formação para entendermos como se dão as relações de gênero no contexto escolar.

2.1 Relações de gênero

É conhecida a existência de distinções, diferenças e diversidades hierarquizadas, ou seja, desigualdades na sociedade, seja de indivíduos ou grupos sociais variados. Quando falamos de educação formal, existem autoras (Rosemberg (2001), Rosemberg e Amado (2013), Louro (2011), Bruschini; Amado (2013)) que afirmam e demonstram que a escola é um espaço marcado pelas relações de gênero e, conseqüentemente, pelas desigualdades entre o masculino e o feminino.

Ao considerarmos a categoria gênero podemos potencializar a percepção dessas desigualdades como construções sociais, tanto na escola quanto em outras instituições, é possível colocarmos em análise os tradicionais conceitos sobre o que é “natural”, o que é inato e instintivo, para cada um dos sexos.

Esta pesquisa, ao adotar a categoria gênero, faz referência ao conjunto de representações construído por cada sociedade, através de sua História, para atribuir significados, símbolos e diferenças para cada um dos sexos. As características biológicas entre homens e mulheres são percebidas, valorizadas e interpretadas segundo as construções de gênero de cada sociedade. “O gênero é uma forma primária de dar significado às relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1995, p. 86).

Mostra-se a necessidade de entender que o corpo e os processos que o afetam não são mais do que o sentido dado a partir da perspectiva histórica e cultural de uma sociedade, de um grupo dentro dela, de uma categoria social

(homens, mulheres, crianças, etc.) ou de pessoas particulares, mas o corpo em si nada diz, fora destas significações, fora dessas tradições da filogênese, até a história de vida individual. O corpo transforma-se em texto e suas formas anatômicas em significantes, em um discurso que vai do natural para o cultural.

É sobre o corpo (suporte anatômico) que se constrói valorativa, afetiva e cognitivamente o gênero: a leitura que uma determinada sociedade faz do texto anatômico. Mulher e homem são, portanto, construções da cultura, expectativas de comportamento associadas idealmente a diferentes conjuntos semânticos. É importante ter clareza que gênero ultrapassa a mera relação com dois sexos, esta serve apenas para evidenciar as classificações tradicionais relacionadas a este termo.

Nicholson (2000, p. 10), aponta que “o ‘sexo’ permanece na história da teoria feminista como aquilo que fica fora da cultura e da história, sempre a enquadrar a diferença masculino/feminino”, ao afirmar que parte do feminismo herdou um sentido no qual o sexo, supostamente biológico, seria uma oposição ao gênero.

Assim, “sexo” refere-se a aspectos biológicos determinados da feminilidade ou masculinidade, enquanto “gênero” refere-se ao comportamento socioculturalmente construído, modificável e adaptável que reflete, incorpora e comunica traços de feminilidade ou masculinidade.

É importante enfatizarmos que o gênero não se opõe ao conceito de sexo, mas inclui a percepção a respeito do que seja sexo dentro de um conceito socialmente construído de gênero, uma vez que assume que as próprias diferenças entre os corpos são percebidas por meio de codificações e construções sociais de significado.

Butler desloca o sexo natural de seu estatuto de verdade, colocando-o como histórica e discursivamente concebido em benefício de interesses políticos e sociais, mostrando-se “tão culturalmente construído como o gênero” (BUTLER, 2003, p. 25). Butler articula gênero como um meio discursivo através do qual o sexo é constituído como fenômeno anterior à cultura, sendo responsável pela produção do sexo como “uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura” (BUTLER, 2003, p. 25). Em outras palavras, o sexo é visto como sendo construído pelo gênero.

Nesse contexto da construção social, lançamos mão das representações sociais, entendidas aqui como produzidas e apreendidas no contexto das comunicações sociais, notamos que elas são estruturas dinâmicas, com características de flexibilidade e permeabilidade, conforme afirma Moscovici (2010):

[...] representações sociais são sempre complexas e necessariamente inscritas dentro de um “referencial de um pensamento preexistente”; sempre dependentes, por conseguinte, de sistemas de crença ancorados em valores, tradições e imagens do mundo e da existência. Elas são, sobretudo, o objeto de um permanente trabalho social, no e através do discurso, de tal modo que cada novo fenômeno pode sempre ser reincorporado dentro de modelos explicativos e justificativos que são familiares e, conseqüentemente aceitáveis (MOSCOVICI, 2010, p.216).

Estas considerações nos levam a compreender que as representações sociais são a expressão de permanências culturais, como também são lócus da multiplicidade, da diversidade e da contradição, como salienta Spink (1993, p. 305) “elas são campos estruturados socialmente na interface de contextos sociais de curto e longo alcance históricos”.

A contradição e a diversidade nos impulsionam ao estudo das representações sociais, não como conteúdo, mas como processo. Processo entendido como prática, ou seja, tomando a funcionalidade das representações sociais na criação/manutenção de uma determinada ordem social.

Logo, o gênero não é um conceito útil apenas na compreensão das interações entre homens e mulheres, mas uma parte importante dos sistemas simbólicos e, como tal, implicado na rede de significados e relações de poder de todo o tecido social. Nesse sentido, “seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado” (SCOTT, 1995, p. 88).

Adotamos assim, o gênero como categoria de análise ao longo dessa pesquisa, intencionamos contribuir para a compreensão da relação sexualidade/moda/educação escolar, além da produção de conhecimento interdisciplinar.

3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO

É essencial para esta pesquisa elucidarmos, sobre a Teoria das Representações Sociais. Ana de Fátima Abranches (2000) afirma que as origens dessa teoria estão na Europa, com os estudos de Serge Moscovici, o qual tem como um dos seus suportes o conceito de Representações Coletivas de Emile Durkheim.

Com base nesse conceito Durkheim pretendia analisar a especificidade do pensamento social relacionando-o ao pensamento individual, estabelecendo como papel da psicologia o estudo do indivíduo, e da sociologia, o estudo da sociedade. Sendo essa uma perspectiva funcionalista de análise sobre as representações, Serge Moscovici retoma e remodela esse conceito dando-o um caráter histórico e processual, afirmando:

Representações Sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas, delas estão impregnados. Sabemos que as representações sociais correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração e, por outro, a prática que produz a dita substância, tal como a ciência ou os mitos correspondem a uma prática científica e mítica (MOSCOVICI, 1978, p. 43).

A partir dessa afirmação percebemos no conceito de representações sociais de Moscovici um diálogo entre aspectos objetivos e subjetivos, na medida em que procura estabelecer uma relação dinâmica entre o indivíduo e a sociedade. Desse modo, ocorre certo afastamento tanto da visão sociologizante de Durkheim, quanto da teoria psicologizante, da Psicologia Social da década de setenta. Segundo as palavras do autor:

Não seria demais insistir sobre o fato de que a teoria das Representações sociais conduz um modo de olhar a psicologia social que exige a manutenção de um laço estreito entre as ciências psicológicas e as ciências sociais. Falando historicamente, ela é, além disso, mais necessária às segundas que às primeiras... Nós, psicólogos sociais estamos em permanente necessidade de combater a tendência de separar os fenômenos psíquicos dos fenômenos sociais, de erguer barreiras entre suas respectivas disciplinas (MOSCOVICI, 2000, p. 08).

Representações Sociais referem-se, assim, a uma forma de conhecimento específico, sendo os seus conteúdos construídos nos processos sociais, pelos sujeitos, na interação com outros sujeitos, envolvendo cognição, sentimentos, trocas, negociações; enfim, processos subjetivos e objetivos que em sua definição buscam superar o dualismo entre os aspectos individuais e coletivos. Esse processo se dá nas instituições, nos meios de comunicação e na sociedade de um modo geral.

Jean-Claude Abric (1998) explica que a Teoria das Representações Sociais tem um caráter contextual, no qual não existe uma realidade objetiva *a priori*, a qual é reapropriada, reconstruída e representada pelo sujeito através da interação entre o cognitivo e sistemas de valores sociais. Nas relações as pessoas constroem impressões/opiniões a respeito delas próprias, dos outros, coisas, lugares, conteúdos e até de conceitos já cientificamente estruturados e analisados. Assim, os sujeitos sociais podem transformar um conhecimento científico em representação e está pode transformar os sujeitos.

Para Moscovici (1978) os processos que explicam como essas transformações ocorrem são a objetivação e ancoragem ou amarração. O autor destaca-os ao estudar como a psicanálise é apropriada pela sociedade. A objetivação é o processo de tornar algo ideal em esquemas ou imagens concretas, ou seja, um esquema conceitual se torna real. O sujeito busca dar uma forma familiar a algo que lhe é estranho. Moscovici (1978) afirma que:

A objetivação, como se sabe, faz com que se torne real um esquema conceptual, com que se dê uma imagem uma contrapartida material, resultado que tem, em primeiro lugar, flexibilidade cognitiva: o estoque de indícios e de significantes que uma pessoa recebe, emite e movimenta no ciclo das infracomunicações pode se tornar superabundante (MOSCOVICI, 1978, p.110-111).

Nesse processo o sujeito absorve e materializa os significados, transplanta para o nível da observação, do concreto, algo que era apenas um símbolo. Segundo Moscovici (1978) a ancoragem ou amarração transforma um saber científico em saber útil a uma população, ou seja, aquilo que foi cientificamente elaborado passa a ser utilizado pelas pessoas. Dessa forma, a

ancoragem refere-se à integração cognitiva de um conceito, ideia, etc. e é através dela que “a sociedade converte o objeto social num instrumento de que ela pode dispor, e esse objeto é colocado numa escala de preferência nas relações sociais existentes” (MOSCOVICI, 1978, p. 173).

Moscovici (1978) resume os dois processos em uma frase: “Numa palavra, a objetivação transfere a ciência para o domínio do ser e a amarração a delimita ao domínio do fazer, a fim de contornar o interdito de comunicação” (MOSCOVICI, 1978, p. 174).

A partir da compreensão da objetivação e amarração, podemos dizer que Representações Sociais se referem a um sistema de interpretação no qual os sujeitos atribuem significados, a determinados conhecimentos e conteúdos trazendo-os para sua realidade.

Tendo explanado sobre as Representações Sociais estabelecemos relação entre o conceito de gênero e representações sociais, explicitando como se configuram as Representações Sociais de Gênero. Pontuamos essa relação a partir da interação entre os sujeitos e o meio social. Esse caráter interacional é aspecto essencial na abordagem das representações sociais quanto no próprio conceito de gênero.

Para Louro (1997) em decorrência dos mecanismos ideológicos, presentes nas instituições sociais, os seres humanos assumem posições e valores que acreditam serem naturais e imutáveis, esse comportamento das pessoas passa quase despercebido e, por isso, mais fácil de ser perpetuado e aceito. Louro (1997) afirma que:

O processo de “fabricação” dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível. Antes de tentar percebê-lo pela leitura das leis e dos decretos que instalam e regulam as instituições ou percebê-lo nos solenes discursos das autoridades (embora todas essas instâncias também façam sentido), nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como natural (LOURO, 1997, p.63).

As questões de gênero estão inseridas nessa dinâmica social, na qual as relações entre os sujeitos são colocadas como normais/naturais. Para Alex Fraga (2000), as pessoas ao nascerem recebem um treinamento para serem mulheres e homens dentro da sociedade em que vivem. Esse treinamento é iniciado pela família que reproduz os valores socialmente aceitos, perpetuando as relações já existentes.

Zaira Lopes (2000) aponta que o "treinamento social" não ocorre de forma passiva, mas se refere à constituição das representações sociais dos sujeitos, as quais são construídas desde o nascimento. A representação social do indivíduo reflete sua realidade, o conjunto de conhecimentos que lhe é apresentado, os quais são apropriados na forma de representação mental e transformados em Representação Social com as mediações sociais e comunicação.

Assim, gênero nesta pesquisa é apresentado como um aspecto representado pelo social, por meio do qual são apreendidos valores, papéis, comportamentos, etc., entendendo que várias instituições estão envolvidas nesse processo.

A família é a primeira instituição da vida do ser humano que exerce essa influência, representando uma réplica da sociedade na qual as relações hierárquicas estabelecidas são vivenciadas no interior da família e repassadas de geração a geração. Quando a criança chega à escola, ela já traz consigo regras bem definidas desse treinamento. Conforme explicita Setton (2008) citando a teoria de Bourdieu.

A família e a escola são, portanto, para Bourdieu, espaços produtores de valores morais e identitários, são por excelência espaços formadores de consciência, matrizes socializadoras (reprodutoras, difusoras), responsáveis por um conjunto de experiências, disposições e práticas de cultura. Ambas capazes de forjar, em tensas e intensas relações, disposições de *habitus*, um *modus operandi* de pensamento, bem como um sistema de disposições que orientaria nas escolhas de uma variedade infinita de práticas de cultura e seus diferentes estilos (SETTON, 2008, p.128).

Montserrat Moreno (1999) explicita que a criança quando chega à escola já sabe a que sexo pertence, que tipo de roupa ela deve usar, que comportamento deve ter, do que deve gostar (cores, brinquedos, brincadeiras,

jogos), enquanto meninas ou meninos “normais”, os quais, somente dessa forma, serão aceitos perante o seu grupo social escolar.

Segundo Lopes (2000) a criança em torno dos doze meses já apresenta características diferentes entre meninas e meninos, internalizadas na convivência com a família. Esse processo envolve o modo de segurar o bebê e a forma e quantidade como é amamentado. Em geral a mãe ou o pai tende a dar maior quantidade de alimento ao menino, relacionando que por ser do sexo masculino, tem mais apetite. Ao crescer a criança amplia seu contato com a sociedade e essas diferenças se tornam mais aparentes, tanto nas falas, quanto em ações, nas atividades lúdicas e nos relacionamentos.

Para Montserrat Moreno (1999) a escola reproduz essa situação, ora estimulando implícita ou explicitamente com materiais didáticos utilizados, nas ações e linguagem utilizadas por docentes, coordenação, direção e funcionários, de um modo geral, ora ela age de uma forma não diretiva e simplesmente silencia tais aspectos. Esse processo escolar contribui para a perpetuação das desigualdades e está diretamente ligado às Representações Sociais de Gênero de crianças e adolescentes e à construção dos modos de ser, feminino e masculino.

A escola apresenta especificidades que influenciam a construção das expectativas voltadas às meninas e meninos, no sentido de comportamentos específicos às suas condições como seres dos gêneros feminino e masculino. Dessa forma, faz-se necessária uma discussão entre abordagens, no sentido de promover uma articulação entre as especificidades da moda e o seu papel social dentro da escola, sob a perspectiva de transformações acerca das discriminações em vários sentidos, especificamente no que se refere às questões de gênero.

3.1 Representações Sociais e Moda

Ao observarmos o universo da moda notamos que este é, em geral, dividido entre vestuário feminino e masculino, alguns estilistas e marcas se especializam e são reconhecidos por suas roupas feitas principalmente para homens ou para mulheres. Além da moda infantil, que também se divide em masculino e feminino.

As diferenças que observamos no mercado de moda são as diferenciações entre masculino e feminino, que independe da classe ou grupo social a que faz referência. O fato de essas diferenças serem observadas desde os desfiles até as publicações especializadas no assunto nos sugere que o mecanismo de significação da moda reside, basicamente, numa distinção de caráter universal e inquestionável entre gêneros. Observamos outras distinções, como diferenças no poder aquisitivo, mas nenhuma tem esse suposto caráter universal, que surge independente da classe social ou da idade (BERGAMO, 2004).

Diante do processo de globalização nas sociedades ocidentais, os diversos campos da esfera cultural passaram a ser analisados, principalmente a partir da segunda metade do século XX, os Estudos de Gênero têm requerido cada vez mais um saber teórico e empírico múltiplo no que diz respeito a pensar o gênero como uma categoria de análise que desperta para uma nova consciência do conhecimento científico.

Buscando repensar as categorias do gênero, Butler (2003, p. 25) sugere que "o gênero pode ser considerado como um meio discursivo e cultural, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura" e "não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero" (BUTLER, 2003, p. 48).

Neutro por não estar estabelecido pré-discursivamente, mas de forma alguma passivo. Com essa concepção que se propõe reconhecer a validade da adoção e/ou troca de identidades propostas pela moda contemporânea. Ao considerarmos que as identidades de gênero são constituídas por suas próprias expressões nos discursos, torna-se um pressuposto bastante enriquecedor para compreender tanto as constituições das representações dos gêneros quanto possíveis subversões de categorias e normas instituídas culturalmente.

Compreender o processo das representações sociais de gênero ligadas à moda implica considerar que estas são impulsionadas e fortemente influenciadas pela cultura midiática e visual e foram historicamente se deslocando e penetrando na vida cotidiana contemporânea, determinando estilos de vida. Nesse contexto, o corpo passou a ser essencial no processo de significação e subjetivação, desempenhando papel vital na produção publicitária por representar um dos

modelos mais desejados cultural e globalmente: o da beleza-magreza-juventude (NOVELLI, 2010).

A sensação de autonomia sobre a manipulação e a representação do corpo na estética atual se tornou um dos maiores marcos da atualidade. Para Denize Bernuzzi de Sant'Anna (2001) trata-se de um sintoma muito recente:

Reconstruir o próprio corpo com a ajuda dos avanços tecnológicos e científicos – cosméticos, cirurgias, uso de próteses, ginástica, regimes etc. – para ganhar mais saúde e juventude não deixa de ser uma promessa fascinante a diversas épocas da civilização, mas foi na atual que ela conseguiu conquistar um espaço inédito na mídia e uma banalização importante no cotidiano, tanto das grandes quanto das pequenas cidades. Tudo se passa como se, em nossos dias, as transformações do corpo estivessem mais na moda do que nunca, enquanto os limites do que é certo e errado, falso e verdadeiro, natural e artificial tivessem sido completamente relativizados (SANT'ANNA, 2001, p. 18)

Novas representações do corpo, além de novas lógicas sociais de compartilhamento coletivo, aparência e prazer estético, passam a serem tratadas como importantes questões para uma investigação sobre permanências e também articulações e possíveis rupturas identitárias e hierárquicas de gênero. Para Pinsky (2009), a categoria de gênero passou a enriquecer estudos históricos, constituindo um modo de perceber e analisar relações sociais e seus significados e "uma das formas, talvez a mais interessante, de adoção do termo é seu emprego como categoria de análise" (PINSKY, 2009, p. 162)

Para Jodelet (1984) é importante o estudo do corpo a partir da perspectiva das representações sociais, pois estas assumem um papel importante na elaboração de maneiras coletivas de ver e viver o corpo, difundindo modelos de pensamento e de comportamento a ele relacionados. Jodelet (1994) afirma que a imagem do corpo aparece como um mediador do lugar social onde o indivíduo está inserido. A autora descreve o corpo como mediador do conhecimento de si e do outro, estabelecido nas relações humanas.

Mara Rúbia Sant'Anna (2005) apresenta a possibilidade de vivermos em uma sociedade de moda. Superando a denominação de sociedade de consumo, suas afirmações apontam para a intensa transformação da vida social nas sociedades ocidentais do século XX, promovida por alguns fatores, como:

obsolescência do novo; domínio das imagens e signos; predomínio do espetáculo em detrimento da produção; formulação de um novo sentido da tradição que, deslocada da experiência social, foi transformada em objeto de consumo. Para Sant'Anna (2005)

A sociedade moderna caracterizada pela efemeridade dificulta sua apreensão em categorias estanques e quanto mais volátil for o tema subtraído dela mais dificultoso torna-se sua abordagem. Logo, mesmo que não se possa afirmar por um rótulo em qual sociedade atual vivemos, é possível reconhecer que ela é uma configuração social distinta, na qual a aparência tem conotação significativa e, exatamente, por ser a superfície tão insegura, tão fluida, ela escapa à imposição de definições fechadas, a menos que se ache uma tão volátil quanto ela, como *sociedade de moda* (SANT'ANNA, 2005, p. 59, grifo no original).

Nessa sociedade de moda ao pesquisarmos as representações dos sujeitos sobre as relações de gênero a partir de suas falas, temos em vista que pensar a identidade e essas representações se coloca em relação à cultura da aparência tão presente no universo da moda. Para Bauman (2005),

[...] a liberdade de alterar qualquer aspecto e aparência individual é algo que a maioria das pessoas considera prontamente acessível, ou pelo menos vê como uma perspectiva realista para o futuro próximo. Selecionar os meios necessários para conseguir uma identidade alternativa de sua escolha não é mais um problema (isto é, se você tem dinheiro suficiente para adquirir a parafernália obrigatória). Está à sua espera nas lojas de traje que vai transformá-lo imediatamente no personagem que você quer ser, quer ser visto sendo e quer ser reconhecido como tal (BAUMAN, 2005, p.91).

Várias autoras (Margareth Rago (2012), Maria Izilda Matos (2013), Cristina Scheibe Wolff (2005), Roselane Neckel (2007)) têm contribuído para o conhecimento da história das relações de gênero, apresentando como o conceito de gênero constitui um ponto de apoio para a formação de subjetividades, políticas públicas e relações com a história. Além do uso das contribuições de Joan Scott, pesquisadores têm incorporado novas discussões do campo do gênero. Assim, analisar as representações de gênero a partir do viés da linguagem de moda apresenta-se como grande desafio, como nos apresenta Mesquita (2004)

A insistente ideia de se considerar a Moda como linguagem deve ser constantemente encarada sob a ótica de uma rede complexa de mensagens, nada simples de serem identificadas. Por exemplo, se considerarmos o *mix* de referências comuns à Moda contemporânea, as influências que o processo de globalização produz, e até mesmo a apropriação que o consumidor faz dos códigos de Moda, devemos ter extremo cuidado ao “rotular” estilos ou interpretar mensagens. A Moda, especialmente a partir da década de 1990, confunde muito mais que revela. Mistura códigos sociais, econômicos, geográficos, além de exaltar a linguagem individual em detrimento da coletiva, o que torna ainda mais particularmente complicado o exercício de decifração (MESQUITA, 2004, p.77).

Na complexidade do mundo contemporâneo, a construção da identidade e das representações dessas identidades é perpassada por uma infinidade de informações e complexidade de valores, sentidos e significados, por vezes, contraditórios. Como destaca a antropóloga Mira,

[...] a partir do momento em que as pessoas são colocadas diante de um número de informações tão grande, de um circuito de trocas culturais tão amplo, cria-se o contexto que propicia a construção de identidades plurais e transitórias. Para o sujeito ‘pós-moderno’, é possível transitar entre diferentes identidades (MIRA, 1997, p.145).

É no indivíduo que se reflete as contradições do jogo das identidades. A velocidade com que as imagens e informações chegam até os consumidores qualifica suas relações com os outros sujeitos, bens e saberes. A aceleração da história os desloca, alterando as relações pessoais e interpessoais. Considerar os discursos das estudantes do Ensino Fundamental do ponto de vista relacional com a moda constitui uma abordagem bastante válida para a interpretação das representações de gênero na cultura de massa contemporânea.

Nesse contexto heterogêneo, permeado por ambiguidades e discursos, o desvelamento das representações sociais podem contribuir para desestabilizar estereótipos dos gêneros, revelando o não-familiar, conforme expõe Arruda (2002):

As condições de produção da representação afirmam com veemência a marca social das representações, assim como seu estatuto epistemológico marca a sua função simbólica, e os processos e estados, o seu caráter prático. Vemos dessa forma como a representação social encadeia ação, pensamento e linguagem nas suas funções primordiais de tornar o não-familiar conhecido, possibilitar a comunicação e obter controle sobre o meio

em que se vive, compreender o mundo e as relações que nele se estabelecem (ARRUDA, 2002, p.142).

Afastamos qualquer análise de caráter determinista, tendo em vista que essas representações apresentam e traduzem, muitas vezes, não visões de mundo, mas sim experiências de mundos diferentes e que não podem ser reduzidas à homogeneidade cultural ou uma unidade simbólica. A fluidez na significação e os diversos sentidos dado à moda indicam que a linguagem, a roupa e os comportamentos não podem ser tomados, essencialmente como espelhos simbólicos do jogo social.

A significação da produção, do consumo e, mesmo, do gênero no mercado de moda reside no fato de que através da linguagem, do vestuário e dos comportamentos estabelecem-se as conexões entre forma de representação da realidade, de representação do indivíduo e representação do gênero em seu interior e de experiência social efetiva, de compromisso com a ordem social ou sua exclusão.

4. ASPECTOS METODOLÓGICOS

A metodologia da pesquisa é condição essencial para completar e delimitar a construção do objeto da investigação, ela dá acesso ao fenômeno a ser estudado. Para Moscovici (1998), os fenômenos das representações sociais são construídos nos chamados “universos consensuais” de pensamento, necessitando, para serem apreendidos pela ciência, que sejam transformados em objeto de pesquisa: “Os fenômenos de Representações Sociais são mais complexos do que os objetos de pesquisa que construímos a partir deles”. Por isso, a Teoria das Representações Sociais não somente os simplifica, mas, também, organiza-os e torna-os inteligíveis.

Assim, especificamos o caminho para transformação dos citados “universos consensuais” de pensamento em objeto de estudo a ser apreendido pela ciência.

4.1 Objeto de estudo

Apresentamos nesta pesquisa as representações sociais de gênero pelo viés da moda, das alunas do sexto ano do Ensino Fundamental II de uma escola pública estadual, da cidade de São Carlos, no interior do Estado de São Paulo.

Esse objeto foi construído a partir da formação da pesquisadora na graduação em Moda na Universidade Estadual de Maringá e experiência no estágio curricular no curso de Licenciatura em Pedagogia em andamento na Universidade Federal de São Carlos.

Durante a trajetória acadêmica tanto no curso de Moda, como no curso de Pedagogia, causaram um inquietamento às questões de gênero, tanto nos estudos teóricos quanto nas observações realizadas nos estágios obrigatórios, dentro do contexto escolar. Nessa dinâmica em que os sujeitos reproduzem valores sociais identificamos a necessidade da abordagem das Representações Sociais, especificamente a teoria do pesquisador Serge Moscovici (2010).

Sua teoria nos possibilitou encarar as questões de gênero na forma de representações as quais ultrapassam a ideia de uma determinação social. Assim, nosso contato com as representações sociais, nos permitiu superar nossa inquietação com as relações de gênero e o objeto deste estudo foi se construindo na forma da análise das representações sociais de gênero.

O interesse em estudar as adolescentes do sexto ano ocorreu pelo fato de entendermos que elas estão em uma fase crucial de formação de sua identidade e que parte desse processo se consolida na escola. Essa faixa etária (12 anos) apresenta características favoráveis ao trabalho de pesquisa devido às possibilidades de recursos de diálogo com as alunas, o que maximiza as chances de identificar aspectos importantes de suas concepções, crenças e valores referentes às representações das questões de gênero.

Assim, reafirmamos a necessidade da construção do objeto de estudo desta pesquisa: as representações sociais de gênero pelo viés da moda em um grupo de estudantes do Ensino Fundamental II.

4.2 Natureza da Pesquisa

Para Robert Farr (1998), a teoria das representações sociais não privilegia um método específico. Mary Jane Spink (1994) afirma que a diversidade, a contradição e o caráter heterogêneo estão amplamente presentes no senso comum. Dessa forma, o instável e o incerto abrem possibilidade para a multiplicidade de métodos voltados à compreensão do fenômeno a ser estudado.

Considerando as possibilidades dos estudos em Representações Sociais, optamos, por procedimentos que adotam uma abordagem qualitativa, segundo Lüdke André (1986), além de enfatizar a realidade como fonte dos dados, o pesquisador trará dados descritivos, além de uma preocupação predominante com o processo e significado que as pessoas atribuem ao objeto estudado.

Pretendemos criar uma relação dinâmica entre o sujeito e o objeto, para analisarmos as representações sociais de gênero das alunas, isto é, esta relação dinâmica requer um contato direto entre a pesquisadora e a realidade investigada, sendo que, o intuito é descrever os significados sociais desse grupo estudado.

Para Moscovici (1978) as manifestações das representações sociais ocorrem em nível das ações e falas, assim, a análise precisa ser realizada tendo como base as falas, as ações e gestos das pessoas que veiculam essas interpretações. Esse é um fato imprescindível para a análise das representações sociais de gênero, tendo em vista o seu próprio conceito, é uma abordagem em que os aspectos cognitivos e sociológicos estão presentes sem evidência específica em um deles.

Para Serge Moscovici (2010) o desafio em estudos sobre representações sociais é justamente a superação do enfoque individualista da psicologia e o enfoque coletivista ou sociologizante da sociologia e antropologia, uma vez que o social só existe se houver um sujeito e esse só pode existir a partir da concretude do social.

4.3 Local da pesquisa: bairro e a escola

Vale destacar que, de acordo com Celso Sá (1998), uma representação social é sempre de um sujeito a respeito de um objeto, em um dado contexto sociocultural (campo de pesquisa). Portanto, especificamos o sujeito que representa o objeto a ser representado e o contexto em que essa representação ocorre.

Não podemos compreender o campo de pesquisa de forma desarticulada dos sujeitos e da própria construção do objeto. Falando especificamente do local de pesquisa, dentro de uma abordagem qualitativa, de acordo com Maria Cecília Minayo (2000), esse corresponde a um recorte que a pesquisadora realiza em termos de espaço e representa uma pequena realidade a ser estudada a partir das próprias concepções teóricas utilizadas para fundamentar o objeto a ser investigado. A autora afirma que não é possível, em pesquisa qualitativa, pensarmos um campo de trabalho neutro.

Segundo Celso Sá (1998) é importante considerar o contexto sociocultural para esclarecer a formação e a manutenção da representação. É de suma importância salientar que o estudo qualitativo, de acordo com Minayo (2000) não visa estabelecer generalizações.

Esta pesquisa foi realizada no estado de São Paulo, na cidade de São Carlos, em um bairro periférico da cidade, conhecido com Cidade Aracy.

O Cidade Aracy a que me refiro é na verdade constituído oficialmente por três bairros, o Cidade Aracy, o Presidente Collor e o Antenor Garcia, tratando-se esse conjunto do “Grande Cidade Aracy”, conforme ouvi algumas vezes. O Cidade Aracy divide-se ainda em Aracy I e Aracy II, divisão essa que não é oficial, mas que todos conhecem (SILVA,2007, p.4).

Segundo os dados do Censo 2010 o bairro Cidade Aracy conta com uma população de 19.035 mil habitantes, cujas características gerais são famílias com média entre 2 e 4 filhos por casal. A formação do bairro faz parte do esgotamento dos terrenos centrais do município e insere-se dentro da dinâmica legal de alargamento do perímetro urbano (MACIEL, 2012).

O bairro é um loteamento construído na década de 1980, na região sul do município, associado à instalação de uma fábrica de motores de uma montadora transnacional na região e que atraiu um contingente relevante de migrantes do nordeste brasileiro, inclusive para eventuais empregos gerados pela suposta dinamização da economia oriunda desse processo (EVANGELISTA, 2009).

O bairro Cidade Aracy recebeu e continua recebendo famílias migrantes oriundas de muitos estados e regiões do Brasil, mas, principalmente, do estado do Paraná e da região Nordeste. Lá, vivem famílias que, através das redes sociais de migração, saíram de seus locais de origem e migraram para São Carlos por diversas razões, mas principalmente, em busca de emprego e melhores condições de vida. É onde reside a maior parte das famílias migrantes pobres que vivem em São Carlos. Isso porque, quando o bairro surgiu, seus lotes foram doados ou vendidos a preços baixos (TRUZZI; ANGELIN, 2013).

Mais de 42% das famílias vieram de outras regiões do Estado de São Paulo ou de outros Estados. É possível verificar que questões relacionadas à moradia, ao emprego, enfim, à condição de vida, são os principais fatores que impulsionaram grupos familiares a deixarem seu local de origem. As dificuldades neste processo de migração não se encerram quando os retirantes “encontram” um lugar para se fixarem. A maior parte das famílias sofre as consequências da economia excludente, sobrevivendo do emprego informal e de ajudas de entidades assistenciais ou de voluntários (MONTE, 2007,p.31).

O bairro é percebido como periferia, afastado do centro da cidade, estigmatizado e associado a características negativas, não obstante o bairro passa por processos de transformação, não só de sua infraestrutura, mas das atividades comerciais e políticas que vêm emergindo ali nos últimos anos. O distanciamento em relação ao centro da cidade deixa seus habitantes em posição desfavorável quanto a reivindicações de melhorias ao bairro. Excetuando sazonalmente, principalmente em épocas do ano específicas que coincidem com períodos eleitorais, o bairro tem de dar conta de resolver sozinho seus conflitos, seus problemas ligados à chuva (EVANGELISTA, 2009).

O Cidade Aracy é circundado por dois córregos: Água Quente e Água Fria, os quais, segundo os moradores, já foram fonte de problemas, principalmente diante de um ciclo de chuvas intenso, característico do clima da cidade. As chuvas causavam sérios transtornos, atenuados quando as ruas principais foram asfaltadas, mas não foram todas asfaltadas, principalmente nas regiões mais distantes do bairro, uma “periferia da periferia”, presente no próprio bairro e nos vizinhos, como o Antenor Garcia e Presidente Collor (EVANGELISTA, 2009).

O bairro tem um número significativo de mães adolescentes, conforme apresenta a figura abaixo.

Figura 1 Mães adolescentes por bairros

Distribuição dos nascimentos segundo o bairro de residência da mãe. São Carlos, São Paulo, Brasil, 2006-2008.

Bairro	ID	Frequência absoluta de nascidos vivos	Frequência relativa de nascidos vivos (%)	Frequência absoluta de mães adolescentes	Frequência relativa da gestação na adolescência (%)
Aracy	2	825	11,2	211	25,6
Collor	3	293	4,0	76	25,9
Antenor Garcia	1	95	1,3	29	30,5

ID: sigla do identificador.

Fonte: Secretaria Municipal de Saúde de São Carlos, 2009.

Fonte: Ferreira et al, 2012.

Há ainda, no bairro o agravante da vulnerabilidade social, como apontam as autoras Medeiros e Malfitano (2012):

Analisando as regiões de maior incidência de morte juvenil por causas externas [...] há uma concentração no Antenor Garcia e na Cidade Aracy, respectivamente, os quais concentram 45 óbitos de 111 ocorridos por homicídios, suicídios e acidentes de trânsito e transporte, valor aproximado a 41% do total. Comparado à cidade de São Carlos, estes dois bairros foram residência de 12,5% das vítimas jovens entre 2000 e 2010 por causas externas. No nível local, são reconhecidos como espaços de maior vulnerabilidade social. Pode-se afirmar que a violência homicida é significativamente maior nos bairros periféricos, repetindo-se dados epidemiológicos e sociológicos conhecidos (MEDEIROS; MALFITANO, 2012, p.11).

É nesse contexto que se insere a escola onde a pesquisa foi realizada, a unidade iniciou suas atividades em julho de 2010 e conta com salas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. Possui em sua entrada um pequeno jardim que foi construído com a participação dos alunos e alunas, utilizando pneus pintados de diversas cores como vasos e um estacionamento para os trabalhadores da escola.

Com a fachada pintada em cinza e o nome da escola em azul, o prédio é constituído por três pisos, ligados por rampas que possibilitam o acesso de cadeirantes e pessoas com dificuldades de locomoção. Possui em todos os andares banheiros para os alunos divididos entre feminino, masculino e um adaptado para pessoas com deficiência física. No *hall* da escola logo após a porta de entrada, está a secretaria, é neste primeiro piso que estão localizadas a sala dos professores e professoras, da equipe gestora, da coordenação, do material pedagógico, do grêmio estudantil, banheiros e um espaço para cantina, que atualmente está desativada.

No segundo piso estão a quadra de esportes, o refeitório, a cozinha, a sala de informática (Acessa Escola) e quatro salas de aula. No terceiro andar há seis salas de aula, a sala de leitura e duas salas de reforço utilizadas no contra turno.

A equipe gestora é formada pela diretora, uma vice, uma coordenadora do Programa Escola da família, duas Coordenadoras Pedagógicas e uma Professora Mediadora (Professor Mediador e Comunitário - P MEC) que busca mediar conflitos ocorridos no ambiente escolar e fortalecer a relação entre a escola e a comunidade. Os projetos que funcionam na escola são: Escola da Família, Acessa Escola e Escola dos Pais.

A Escola da Família funciona aos sábados e domingos e conta com diversas atividades, coordenadas por seis universitários (bolsistas do Programa Bolsa Universidade). A comunidade pode participar de atividades oferecidas, como: aulas de tênis de mesa, futsal, recreação e *badminton*. A participação é assídua, tendo em vista que não há no bairro opções de lazer para os moradores.

O Programa ACESSA Escola dinamiza as atividades escolares através da informatização dos conteúdos ministrados e principalmente colaborar na inclusão digital dos alunos, que além das atividades escolares poderão utilizar a rede mundial de computadores – a Internet, para complementação dos estudos e pesquisas. Para utilização dos computadores, os alunos deverão fazer cadastro prévio que inclui ciência e autorização por escrito dos pais e/ou responsáveis em formulário próprio a ser retirado junto à equipe gestora do projeto.

A escola oferece o Plantão de atendimento, propiciando aos responsáveis pelos alunos a oportunidade de contato, acompanhamento e obtenção de informações sobre o desenvolvimento escolar de seus filhos em uma conversa com os professores, direção e coordenação da escola.

A escola se organiza de forma que cada um tenha seus horários e responsabilidades ao mesmo tempo em que o trabalho coletivo está sempre presente, contando com reuniões divididas entre setores, reuniões com todos e conforme necessidade aberta aos responsáveis e alunos. A relação entre a escola e a comunidade é um diferencial da Unidade que trabalha com afinco para que esta relação se fortaleça, entendendo que o apoio e participação da comunidade dentro da escola são fundamentais para ambas as partes.

4.4 Instrumentos Metodológicos

Inicialmente a pesquisa passou por uma etapa de exploração, a qual, segundo Minayo (2000), corresponde a um levantamento dos aspectos a serem investigados na realidade estudada. Na teoria das Representações Sociais sujeito e objeto não se separam, sua separação ocorre, apenas, de forma momentânea para garantir essa relação indissolúvel: “o objeto está inscrito num contexto ativo ou grupo, pelo menos parcialmente, enquanto prolongamento do seu comportamento, de suas atitudes e das normas as quais ele se refere” (ABRIC, 1998, p. 27).

Para Lüdke e André (1986) a observação possibilita a apreensão do significado que os sujeitos atribuem à realidade que os cerca e às suas ações em relação ao objeto estudado. Segundo Edson Souza Filho (1993), no que se refere a representações sociais, a observação sistemática é um procedimento que se destaca por ser o mais adotado pela maioria dos/as pesquisadores/as.

Mesmo considerando que os estudos em representações sociais se realizam de forma individual, optamos, neste estudo, pela realização desse procedimento com um grupo de três alunas, por considerar que o contato entre as componentes do grupo proporcionaria situações bastante significativas.

Outra questão que fundamenta essa escolha é que

Não há “métodos” para um campo de conhecimento que tenha um verdadeiro conteúdo intelectual. O objetivo é encontrar a verdade. Como chegar até lá, ninguém o sabe. Os métodos experimentais, os matemáticos, as diversas técnicas, não são métodos de trabalho para descobrir a verdade. Jamais alguém tornará criativo um físico ou um biólogo, dizendo-lhe: eis aqui os métodos, experimente-os num novo organismo. Fazem isso os que não sabem o que dar para os estudantes fazerem. É uma confissão de fracasso (MOSCOVICI, 2000, p. 15).

Recorremos também à construção de um grupo focal. Para Gatti (2005)

O grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar... permitindo ao pesquisador conseguir uma boa quantidade de informação em um período de tempo mais curto (GATTI, 2005, p.09).

Para formar este grupo convidamos três alunas do sexto ano do período da tarde. Utilizamos como critério de seleção das alunas o acesso à internet, assim convidamos 2 alunas que possuíam acesso à internet em casa e uma que não possuía. Entregamos para cada aluna duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi lido junto com as estudantes e explicitados os objetivos da pesquisa. Anexamos ao TCLE uma Autorização para gravação do áudio do grupo focal. Solicitamos que devolvessem o TCLE e a Autorização assinada por

um responsável e por elas, explicitamos que uma via do documento deveria ser guardada e outra via entregue a pesquisadora.

Em seguida marcamos data e horário para a realização do grupo focal. Assim, o grupo focal foi realizado com três alunas do sexto ano, duas com acesso à internet em casa e 1 sem acesso. A Diretora da escola autorizou a realização da pesquisa na sala de leitura. Dividimos o grupo focal em 2 momentos distintos, primeiro elaboramos questões norteadoras para conhecer melhor as meninas e levantar características pertinentes sobre elas, em um segundo momento apresentamos imagens e trabalhamos com a técnica de livre associação.

Explicamos às alunas que conforme as imagens apareciam na tela elas poderiam se expressar livremente sobre suas percepções sobre a imagem exibida. Essas imagens foram exibidas em um *tablet* e as adolescentes podiam segurar e visualizar livremente. Nesta pesquisa foram apresentadas às estudantes imagens relacionadas ao objeto de estudo desta pesquisa tais, como: “mulher”, “homem”, “menina”, “jovem”, “casal”, etc.

As imagens foram escolhidas buscando apresentar a maior diversidade de discursos possíveis. Utilizamos palavras-chaves como busca e selecionamos as imagens com maior resolução.

Procuramos levantar as representações das alunas em relação às diferentes identidades. Embora essas imagens não tragam diretamente as representações sociais de gênero desses sujeitos, elas nos fornecem o caráter contextual, imprescindível, segundo Celso Sá (1998), à análise da representação de qualquer objeto.

Utilizamos um gravador para registrar as falas das alunas, após o grupo focal o áudio foi transcrito na forma de texto e as falas foram organizadas e identificadas. Para uma análise mais sistematizada dos dados transcritos e das associações livres recorremos à análise de conteúdo.

A análise de conteúdo diz respeito a:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1979, p. 42).

Assim, optamos, nesta pesquisa, pela análise temática, pois, “O tema é a unidade de significado que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (BARDIN, 1979, p. 105).

Em termos qualitativos, Bardin (1979) afirma que a presença de temas específicos denuncia os valores de referências presentes no grupo pesquisado, além de indicar os modelos de comportamento presentes nas falas dos sujeitos. As respostas foram categorizadas em temas emergentes e relacionadas entre si, o que possibilitou a identificação de aspectos contraditórios revelados nas falas das adolescentes, fato esse que desvelou a questão da ideologia presente nas representações sociais desses sujeitos.

4.5 Aspectos Éticos

O grupo focal aconteceu pautado pelos aspectos éticos a serem considerados quando se realizam pesquisas com seres humanos, em conformidade com o disposto na Resolução nº 466/2012, do Ministério da Saúde, mediante a qual é assegurado aos sujeitos o sigilo das informações colhidas, o anonimato e a livre decisão quanto à participação no estudo. Ressalta-se, com efeito, que o desenvolvimento da pesquisa não oferece risco às participantes, seja de ordem moral, física ou psicológica, estando resguardada, assim, a sua integridade. Dessa forma, os dados coletados, bem como a identificação pessoal das adolescentes, foram tratados com sigilo e zelo durante toda a pesquisa.

Vale ainda ressaltar que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus Araraquara sob Parecer: **Nº 875.755**, de 18 de novembro de 2014 (ANEXO 1), o qual atende às exigências contidas na Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº466, de 12 de dezembro de 2012.

5. AS VOZES DAS ADOLESCENTES: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DESVELADAS

Adolescência

Para esta pesquisa torna-se necessário elucidar o conceito de adolescência, visto que é um conceito recente, desenvolvido entre 1918 e 1939. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência refere-se à segunda década da vida, dos 10 aos 19anos. Não há uma imposição de idade, mas um intervalo etário, que apresenta algumas características próximas, no tocante aos aspectos físicos, emocionais, cognitivos e sociais, se pensado em termos da cultura ocidental.

Ariès (2006) apresenta a adolescência como uma questão histórica, que, na transição do século XIX para o século XX, passa a ser pensada como uma etapa da vida, uma categoria localizada justamente na cultura moderna, que deu origem ao indivíduo social. Ariès (2006) afirma que, somente a partir do século XIX, a noção do que hoje se chama adolescência começou a se formar; até então esse fenômeno se misturava com a infância.

Ariès (2006) demonstra que na língua francesa, as palavras com origem no latim *puer* e *adolescens* eram usadas de forma insensível com esses sujeitos. A expressão mais conhecida e empregada era *enfant*, que significa criança. Apenas a partir do século XVI passou-se a usar novas categorias, como *enfance*, *jeunesse* e *vieillesse* (infância, juventude e velhice).

Para viabilizar nossa pesquisa, definimos como enfoque o período denominado “adolescência”, também chamado como primeira juventude e que caracteriza-se pelas pessoas com idade entre doze e dezoito anos⁴. A adolescência é uma fase muito importante na vida, pois nela ocorrem grandes transformações tanto no plano físico quanto psíquico. Edgar Morin (1997) afirma:

[...] na adolescência a personalidade social ainda não está cristalizada, os papéis ainda não se tornaram máscaras endurecidas sobre os rostos, o adolescente está à procura de si mesmo e à procura da condição adulta. (...) nessa busca, tudo é intensificado: o ceticismo e os fervores (MORIN, 1997:154).

⁴LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990.

Ferreira(1998) afirma que a maior preocupação do adolescente é com a sua aparência, como os outros o veem e como ele sente que é. Essa preocupação com a percepção dos outros, em contraste com o que ele sente que é, ameaça a sua imagem física e sua identidade. A autora chama de “alteração de reajustamento entre o ser e o parecer”. Com a insegurança, sem se reconhecer como indivíduo, o adolescente sente necessidade de associar papéis de outros modelos, aparece a necessidade de assemelhar-se às pessoas que admiram. Assim procuram imitá-las.

Essa fase é propícia para adoção de “ídolos”, por meio da identificação com alguma figura midiática, a adolescente pode encontrar a si mesmo. Para Leonardo (2004), a adolescente constrói sua personalidade nos relacionamentos que vivencia na família, escola e ambiente social. A adolescente busca se adaptar às necessidades de afiliação social e autoestima, bem como às de reconhecimento, tendo em vista principalmente as mudanças de seu corpo e da sua busca de identidade individual. A adolescente, para ser aceita socialmente, busca misturar-se e inserir-se em um grupo.

O consumo nesta fase acontece pelas influências globais que rompem barreiras culturais, permitindo uma miscigenação para “compor o visual”. O adolescente busca transgredir padrões pré-estabelecidos e utiliza as novas tecnologias para compor um estilo que legitima a sua identidade pessoal ou coletiva. O conceito de moda que para as adolescentes é: “a moda é imitação de modelo estabelecido que satisfaça a demanda por adaptação individual, diferenciação e desejo de modas, sendo baseada pela adoção por grupo social” (MIRANDA, 2008, p. 68).

Os jovens compartilham códigos de moda, expressos pelos meios de comunicação, em especial pela internet, que traz as inovações, mesmo que virtualmente. Os adolescentes de classe social baixa têm acesso aos produtos de marcas falsificadas.

Ortiz (2000) aponta que adolescentes de baixo poder aquisitivo e residentes em periferias podem hoje imitar os jovens que consomem moda em um shopping. O comércio informal, exercido por vendedores ambulantes, coloca à disposição dos adolescentes das classes trabalhadoras artigos falsificados das mesmas grifes vendidas nos shoppings caros.

Este capítulo é dedicado às vozes das adolescentes pesquisadas. Buscamos ouvi-las com o intuito de compreendermos as representações sociais de gênero, por meio dos discursos proferidos sobre imagens de moda que lhes foram exibidas em um grupo focal. Após a apresentação de cada aluna, analisamos as categorias mais relevantes para o objeto dessa pesquisa, bem como as relações entre gênero e moda.

Aluna 1: Ela tem 12 anos, está no sexto ano do Ensino Fundamental II e estuda no período da tarde. Ela sai com o pai para comprar roupas, ele estipula um valor que ela pode gastar, mas quando ela gosta muito ele dá um jeito de comprar, ela frequenta as lojas: Marisa É D+ e lojinhas do bairro. Em geral, a aluna ganha roupas de presente da mãe, do pai, da madrasta, dos tios e de um projeto social que frequenta o Pequeno Cidadão da USP.

Quando ela vai à loja, olha as roupas que acha mais bonita, mostra pros pais, se eles concordarem que é bonita ela compra. Às vezes prova antes de comprar, às vezes não, nas lojas do bairro, geralmente não tem provador. Em geral compra roupas uma vez ao mês, o pai a deixa escolher até três peças.

Ela não tem acesso à Internet em casa, mas quando tem crédito acessa a rede no celular. É usuária do *Facebook* e *Youtube*. No seu tempo livre gosta de ver televisão e usar o computador. Seus programas favoritos na TV são: Esquadrão da Moda, Chiquititas e A Feia mais bela. Nunca foi ao cinema e não assiste filmes em casa. Gosta de ouvir funk e frequenta a igreja Congregação Cristã. No bairro gosta de frequentar a sorveteria.

Ela não frequenta bazar ou brechó, acha os sapatos feios, velhos, as roupas que não usa mais deixa no guarda-roupa, não dá pra ninguém. Às vezes oferece para irmã, mas acha que a irmã é muito enjoada, só quer roupas curtas.

Ela acha a blusa do uniforme da escola feia, portanto não a usa. Mas se fosse um *short* e uma blusa bonita, ela usaria. Uma vez, no ano passado ela foi de saia na escola, porém quando percebeu um menino tinha erguido a saia dela. Depois desse fato nunca mais foi de saia.

Para passear ela gosta de usar *shorts*, independente do clima. Para ela o namorado perfeito tem que andar bem arrumado e cheiroso. Ele tem que saber a hora de brincar e a hora de parar. Ela considera que a primeira impressão é a roupa, então observa muito como o menino está vestido, se a roupa é velha ou nova, se o

sapato é velho ou novo. Ele não pode ser careca, nem ter cabelo crespo, o cabelo tem que ser liso, como os meninos da televisão, tem que ter “tanquinho”.

Seu pai diz que ela pode namorar quando tiver trinta anos ou quando terminar a faculdade. Já sua mãe vai permitir o namoro quando ela tiver quinze anos. Ela pensa em fazer faculdade, mas não disse em qual área. Ela queria fazer mechas australianas no cabelo, mas o pai só vai deixar quando ela tiver idade para cuidar do cabelo sozinha.

Aluna2: Ela tem 12 anos, está no sexto ano do Ensino Fundamental II no período da tarde e disse que pretende ser médica ou dentista. Ela trabalha fazendo faxinas em outras casas, mora com o pai e tem um irmão e duas irmãs.

No seu tempo livre ela gosta de utilizar o celular, frequenta a casa de amigas ou a sorveteria do bairro. Possui internet em casa e, quando tem crédito, acessa a rede também através do celular, mas no computador fica pouco tempo, pois tem que compartilhar o uso com os irmãos. Ela tem *Facebook* e gosta de ficar vendo roupas e sapatos em sites que mostram os figurinos das novelas. Na TV, assiste *Chiquititas*, *a Feia Mais Bela* e *o Esquadrão da Moda*. Assiste filmes com o pai e foi ao cinema apenas uma vez. Quando vai a consultas médicas com a mãe, gosta de ver as roupas nas fotos das revistas. Às vezes vai ao SESC com a prima, para passear e paquerar.

Ela escuta músicas evangélicas e frequenta a igreja Assembleia de Deus.

Quanto às roupas, quando ela acha uma peça bonita ela experimenta e se o pai dela gostar, ele compra. Ele estipula quanto ela pode gastar, às vezes ela sai só, sem o pai, para comprar roupas com parte do dinheiro que ganha com as faxinas que realiza. Nem sempre ela prova a roupa antes de levar para casa, pois há lojas que não tem provador. Ela frequenta a Marisa, Éd+, o mercadão (Mercado Municipal) ou uma lojinha no próprio bairro. Costuma ganhar roupas de presentes, do pai e da mãe. Compra roupas em média duas vezes ao mês, quando o pai, ou também para ocasiões específicas, como por exemplo para uma viagem programada no final de ano. Já comprou um sapato em um bazar realizado pela igreja e dá as roupas que não usa mais para uma amiga.

Ela gosta de usar saias, vestidos, seja para sair ou quando está em casa, mas considera legal usar um tipo de roupa para cada lugar. Às vezes lava a própria roupa.

Na escola, como o uniforme não é obrigatório, ela não usa a blusa, pois a considera transparente. Às vezes vai para aula de saia, com um short por baixo.

Aluna 3: Ela tem 12 anos, está no sexto ano do Ensino Fundamental II, no período da tarde e não pretende fazer faculdade. Mora com seus pais e irmãos, faz faxina em casa e também na de parentes, sem receber.

No tempo livre, gosta de assistir TV, ficar na rua, ir à sorveteria, às vezes vai ao SESC com a prima, que tem a mesma idade (são levadas pelo pai da prima).

Ela já teve acesso à internet em casa e, quando tem crédito, acessa pelo celular. Possui *Facebook*, vê vídeos no *Youtube* e acessa sites sobre sapatos e roupas. Assiste o Esquadrão da Moda, A Feia mais Bela, vê vídeos no *Youtube* sobre moda, vê revistas quando acompanha a mãe em algum lugar. Gosta de música *funk*, *rock* e *rap* de amor.

Para comprar roupas ela frequenta a Éd+, a Marisa e a Top 10, que é uma loja do bairro. Às vezes ganha roupas dos pais e parentes, assim como do projeto Casa da Criança. Quando vai comprar, experimenta as roupas e mostra aos pais, para saber a opinião deles. Foi uma vez ao brechó, com a mãe e às vezes compra e troca no bazar do projeto, sendo que também doa algumas roupas que não usa mais ou modifica calças transformando-as em shorts.

Ela gosta de usar shorts, mesmo no frio, mas às vezes é obrigada pelo pai a vestir calças. Também gosta de usar uma roupa para cada lugar que vai, trocando de roupa mais de uma vez ao dia às vezes, o que faz com a mãe dela brigue com ela por ter mais roupa para lavar.

Não gosta da blusa do uniforme da escola, porque é de um material que deixa transparecer e que rasga com facilidade, gostaria que calças tipo legging fosse parte do uniforme, assim como shorts na altura da coxa, e acha bonito uniforme com mais detalhes.

O namorado ideal para ela tem que estar bem vestido, com roupas adequadas, de marca. A mãe disse que ela poderá namorar com quatorze anos e o pai disse com vinte e quatro.

5.1 Representações Imagéticas

*“Só as pessoas frívolas é que não julgam pelas aparências.
O verdadeiro mistério do mundo é o visível e não o invisível.”*
Oscar Wilde

É importante antes de analisarmos as representações imagéticas das adolescentes pesquisadas apresentarmos os programas de televisão que elas assistem. O grupo assiste Chiquititas, A bela mais feia e Esquadrão da Moda, todos os programas exibidos no canal SBT.

Destacamos que nessa programação estão duas novelas. Para Steffen

A novela é um espetáculo televisivo, que mostra aquilo que sonhamos em viver, em ter e ser. A imagem da tela transmite todos os desejos escondidos do nosso interior e através dos personagens vivemos nossos sonhos que não puderam se tornar reais. O espectador se projeta em um personagem da história e se compara a ele em situações parecidas com as que ele já viveu. Por isso os personagens vivem com mais intensidade, mais riqueza, são bonitos e os problemas vividos por eles são íntimos, individuais (STEFFEN, 2005 p.7).

Chiquititas⁵

A novela narra o cotidiano do orfanato Raio de Luz, onde a garota, apelidada como Mili, convive com as demais crianças apesar da tristeza de não ter uma família unida. *Bulling*, puberdade, namoro, amor e abandono infantil são temas tratados na trama, além de assuntos da era digital, como os blogs.

A feia mais bela⁶

⁵ <http://www.sbt.com.br/chiquititas/>

⁶ <http://www.sbt.com.br/afeiamaisbela/>

A novela narra a vida de Lety uma garota considerada muito feia. A trama apresenta os dilemas de sua vida profissional e afetiva. Abordando temas como: beleza, amor, romance, conquista, amizade e transformação.

Esquadrão da moda⁷

O programa é um reality show que ensina a telespectadora a entender o que vestir e, principalmente, o que ela não deve usar. A *top model* e consultora Isabella Fiorentino e o *stylist* Arlindo Grund formam o casal de especialistas em moda que ensinam às "vítimas" como se vestir bem e com estilo.

No Esquadrão da Moda mulheres consideradas sem estilo ou que simplesmente se vestem de forma inadequada são indicadas por amigos e familiares para participar do programa. A participante pode gastar R\$10 mil reais em roupas, de acordo com as dicas de moda dos especialistas. A participante ganha uma mudança em seu visual com o cabeleireiro Rodrigo Cintra e a maquiadora Vanessa Rozan. Com a autoestima recuperada, um guarda-roupas repleto de novos trajes, a participante reencontra familiares e amigos com seu novo estilo.

As "vítimas" do programa devem se tornar adequadas aos diferentes parâmetros, como normas de beleza, comportamento e autoestima. O programa quando não convida homens para a transformação do visual, enfraquece as possibilidades de questionar a desigualdade de condições entre homens e mulheres, pois a exclusividade da participação feminina trata como se fosse natural que as mulheres necessitem de orientação para a adequação às normas sociais (LANA; CORRÊA; ROSA, 2012).

O objetivo do programa é realizar uma transformação no *habitus* das classes trabalhadores causando a vergonha e depois ensinando corretamente seus modos de vestir no ambiente de *glamour* da televisão. As normas são apresentadas de forma bastante clara. Os apresentadores-especialistas são autoritários, irônicos, desrespeitosos, imperativos. Eles usam um humor agressivo, envergonhando e constringendo. Os itens do guarda-roupa da participante são atirados ao lixo (LANA; CORRÊA; ROSA, 2012).

⁷Informação disponível em: <http://www.sbt.com.br/esquadraodamoda/programa/>

Em alguns programas, os termos usados pelos especialistas, que desqualificam as vítimas e suas escolhas de vestuário: “cafona, feio, horror, medonho, horrível, ridículo, careta, vulgar, escandalosa, inadequada, equivocada”. Essas palavras se opõem àquelas dirigidas à participante no momento final da transformação, em que ela se torna “clássica, elegante, chique, nova, moderna, sofisticada” (LANA; CORRÊA; ROSA, 2012).

Acredita-se – e é isso que o *Esquadrão da Moda* vende – que modificar a imagem por meio de roupas, maquiagem, corte de cabelo são formas de fazer com que a mulher-vítima esteja bem consigo mesma e com os grupos a que pertence (LANA; CORRÊA; ROSA, 2012, p.128).

Essas representações de modificação da aparência estão presentes nos discursos das adolescentes ao analisarem as imagens apresentadas, isso ocorre, pois segundo Almeida (2007)

Os bens culturais industrializados e distribuídos pela mídia eletrônica têm a capacidade de produzir certas construções simbólicas, apropriando-se de elementos que já circulam na cultura que produz tais bens, mas os reforçam e ‘normalizam’, constituindo um discurso hegemônico sobre o gênero. Os produtores dessa indústria pesquisam e buscam elementos culturais que imaginam ser aceitos ou até consensuais no seu público, e se utilizam dessas imagens que consideram parte da cultura dos públicos-alvo que visam atingir, mas ao fazer isso selecionam e reforçam determinados tipos de construção (ALMEIDA, 2007, p.178).

Ao buscarmos as representações de gênero das adolescentes pelo viés da moda é na função de mensagem que colocamos a roupa neste sistema. As imagens apresentadas são o emissor (indivíduo que veste a roupa) e o receptor são as estudantes que se manifestam em relação à elas. Apresentando suas representações, concepções e crenças. Como afirma Perito e Rech (2009)

Tendo observado e compreendido todas as manifestações da aparência que confirmam sua importância como comunicadora de status e formador de identidade. (...) Pois se ele se apresenta de uma maneira, suas razões estão visíveis nele próprio, prontas a serem decodificadas pelo leitor que compartilha do conhecimento de seus signos. Ao mesmo tempo, cada indivíduo pode ser analisado

em suas manifestações corpóreas como um espelho da sociedade em que se insere (PERITO, RECH, 2009, p.111).

É fundamental ressaltarmos que quando falamos em linguagem e buscamos aproximá-la do complexo universo das roupas e da moda, não consideramos que se trata apenas de transmitir/receber informações, como se a mensagem fosse um ato mecânico e seu único objetivo seja informar. A linguagem serve para comunicar, mas também não comunicar. Desse modo, emissor e receptor estão envolvidos num processo de significação, que não é, definitivamente, um ato realizado de forma mecânica.

Quadro 1 Discursos sobre modelo branca

Figura 2 Modelo branca



Fonte: gopixpic.com

A¹

Ah, tipo, eu **gostei**, ficou bem justinho nela, tal, aí tipo, quando eu vejo essa roupa na vitrine, ‘nossa, tá mó baratinho, vou pegar pra mim, vou

	comprar pra mim, né', aí chega na hora eu experimento, 'ai credo, ficou horrível', pior que um cão chupando manga.
A ²	Ah, ela é magrinha , o vestido é bonito né, o sapato combinou com o vestido também e porque ela tem um corpo assim de ser modelo .
A ³	Ela tá dentro da moda , porque esse vestido é bonito, é, combinô com ela, porque, combinô, achei bonito nela. Assim, se vestisse em mim não ia achar bonito.

O vestido bicolor, uma das febres nos anos 80, voltou a ser tendência e aparecer nas vitrines e lojas em março de 2012 e no verão de 2013. A modelo na imagem usa uma peça branca e rosa e coordena com sapato *nude* para alongar a silhueta.

Nesta imagem as adolescentes afirmam que a modelo está bonita e que o vestido combinou com ela, porém elas destacam que está bonito nesta mulher, pois é modelo (alta e magra), mas que se elas comprassem e usassem a mesma peça não ficaria boa nelas, não combinaria.

Apenas pela imagem as meninas já concluem que o vestido não é para elas. A imposição de um padrão do que vestir e como usar as peças de roupas fica explícito. Independente de como possa ser o vestido ele é classificado como roupa de modelo pelas adolescentes e, portanto, inacessível (não ficaria bonito) para elas.

Quadro 2 Discursos sobre mulher negra

Figura 3 Mulher negra



Fonte:globalghana.net

A ¹	É que, tipo, eu não gostei muito porque tipo essa parte aqui, que se não, com manga ficou meio estranho aqui, essa blusa é meia feia , tipo parece aranha, esse negócio aqui, tipo, o vestido nela ficou legal, ficou justinho.
A ²	É. Combinou, né? Porque ela é morena , ela é morena combinou com o cinto, o vestido é preto e branco, com a pulseira dela que é branca que combina com o vestido, eu gostei, ficou da hora, ficou bonito .
A ³	Olhando assim ficou bonito, mais, tem algumas partes assim que não ficou muito bom nela, tipo a manga, e essa parte aqui olha, que, assim, ela não deveria tomar muito sol , também, sabe, porque ela veste assim um biquíni que amarrou aqui, porque dá para ver as marcas, sabe?

A imagem apresenta uma mulher negra com um vestido assimétrico na altura do joelho, com uma lateral maior que a outra, abusando do contraste preto e branco. Porém, surgiram divergências sobre a peça utilizada, uma das estudantes considerou que havia uma blusa por cima do vestido e a outra analisou um reflexo da luz no pescoço como uma marca de biquíni. A adolescente 2 classifica a mulher como morena e aprova seu visual, já a adolescente 3 aponta que o vestido não ficou muito bom nela e que não deveria tomar muito sol. Já a adolescente 1 usa termos como estranho e feia.

Percebemos nas falas das adolescentes que ainda perdura em suas representações a ideologia do branqueamento, a imagem apresentada é de uma mulher negra, porém as estudantes não usam esse termo. Como esclarece Santos

Ainda perdura no imaginário da maioria da população, que a formação de uma sociedade, visivelmente negra, trata-se de um problema estético, igualmente, persiste no comportamento coletivo, a busca do branqueamento como uma solução. Essa construção deu-se num determinado momento histórico, passou para as instituições, a política governamental e no âmbito individual, buscando-se uma homogeneização étnico-cultural e racial (SANTOS, 2009, p.39).

Quadro 3 Discursos sobre mulher

Figura 4 Mulher



Fonte: euamomoda.com

A ¹	Então, tipo, eu achei que ela não devia ter usado essa roupa, porque... Tipo, o short, a bermuda, ficou boa, mas agora a blusa não ficou muito boa, porque ela é meio fortinha e usou uma blusa colada, em cima, aqui na parte de baixo tá bom, só que aqui em cima ficou tipo meio transparente , e eu não gostei.
A ²	Ó, eu diria com a bermuda ficou meio estranha , preferia se ela ponthasse uma legging, ponthasse a blusa...E ponthasse um cinto, né, um cinto preto, uma coisa assim.
A ³	Do jeito que ela tá aqui, tá bonita, só falta tira esse shorts, coloca uma calça legging, e, reparti direito o cabelo dela, porque, sabe, não dá pra ver nonde tá repartido, parece que ela pentio pra baixo assim e deixo o resto solto, ou tentar faze uma chapinha , não gostei muito do estilo.

A imagem apresenta uma mulher com camisa branca em tecido plano e manga $\frac{3}{4}$, bermuda jeans com barra invertida na altura do joelho, como acessório ela utiliza um cinto logo abaixo do busto.

Essa imagem revela as representações em relação ao corpo feminino, a mulher “fortinha” foge do padrão de beleza valorizado. A palavra estranha também é citada pela adolescente 2. O cabelo da mulher incomoda a adolescente 3, pois não é liso, ela sugere então uma chapinha para mudar o estilo.

Em relação à obesidade a adolescente usa o termo “fortinha” para não classificar a mulher como gorda, obesa (acima do peso) etc., isso denota a influência dos discursos que circulam na mídia televisiva, um repúdio aos corpos gordos considerados desleixados. Ser gorda é visto como anormal. Ao contrário, ser magra se constitui como a norma. A questão do cabelo já tratada anteriormente também se explicita na análise dessa imagem pela adolescente 3.

Quadro 4 Discursos sobre jovem

Figura 5 Jovem



Fonte: skalgubbar.se

A¹

Uj, ui. É pior que, que “mão quebrada.” É que tipo, não gostei do shorts.

A²	Tem que tirar esse tênis, ai, porque, ó. É verdade, tá parecendo.
A³	Ai assim, mais ou menos assim, aqui assim, um shorts bonito assim, da Hollister, vamos supor, com um tênis SpeedBlade, ia ficar mais bonito, porque assim tá parecendo. É, parece que ele compro um shorts de muié, com cor de homi , e colocou um cinto de homi.

Na imagem o jovem usa uma composição de bermuda caqui com camisa social, a modernidade do look fica por conta do All Star vermelho e cinto marrom. Além da bolsa jovial que dá leveza à produção.

As falas das adolescentes explicitam a orientação sexual que acreditam ser a do jovem apresentado. Para elas essa bermuda é de mulher e ao usá-lo o rapaz denuncia sua homossexualidade. O tênis vermelho incomoda a adolescente 2 e a adolescente 3 dá dicas de como o jovem pode se tornar mais bonito (mais homem) com um shorts da Hollister e um tênis da Adidas. A adolescente 3 considera que o shorts é de mulher porém a cor é de homem e o cinto é masculino.

Quadro 5 Discursos sobre modelo negra

Figura 6 Modelo Negra - Alek Wek



Fonte: models.com

A¹	Ah não gostei , eu odiei . É tipo, além do vestido subi, coloco um saltão, ela podia, tipo, te colocado um vestido mais ou menos até comparado
----------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	com isso daqui, coloca um salto, porque ele combina com o vestido, (...) aqui, tipo, parece que não tem o lado da trás, parece que não tem o lado da frente tal. Sei lá, chama muita atenção , ela tá na rua de baixo, você tá aqui na rua de cima, mas cê consegue vê.
A²	Meu, esse sapato não combina com esse vestido, esse vestido ai, lembra (...), com azul, vermelho, e ponhasse um sapato diferente, né, pá combina.
A³	Não gostei. Olha pra mim, tá bonita, só que não nessa roupa nela e esse sapato, se fosse uma mulher mais branquinha , ela é, assim, ela ficava bonita, não tá tão bonita, bonita, mas eu preferia numa mulher mais branquinha assim, porque nela o vestido tá muito destacado.

Essa imagem apresenta a modelo Alek Wek em um vestido branco de renda e bota de cano baixo. A renda teve seu auge na década de 1950, em vestidos elaborados e elegantes, voltou a aparecer no mercado têxtil em produções variadas, desde as mais simples até os mais vestidos elaborados, com aplicações e volume.

Nessa imagem as representações de preconceito se explicitam, os termos usados pelas adolescentes são: não gostei, odiei, chama muito atenção e não combina. A adolescente 3 declara abertamente que o problema é a mulher não ser branca, diferente da primeira imagem apresentada esta mulher não é classificada como modelo pelas alunas, as palavras magra e alta não são pronunciadas. Há completo silenciamento sobre o cabelo da mulher e também sobre sua cor/raça. A adolescente 3 declara que ela deveria ser mais branquinha para então se tornar bonita.

Essas representações só denotam o preconceito arraigado na sociedade brasileira e perpetuado nas relações sociais, mesmo que de forma velada, uma vez que os termos cor, raça, negra, preta não sejam pronunciados.

Quadro 6 Discursos sobre modelo adolescente

Figura 7 Modelo Adolescente



Fonte: forever21.com

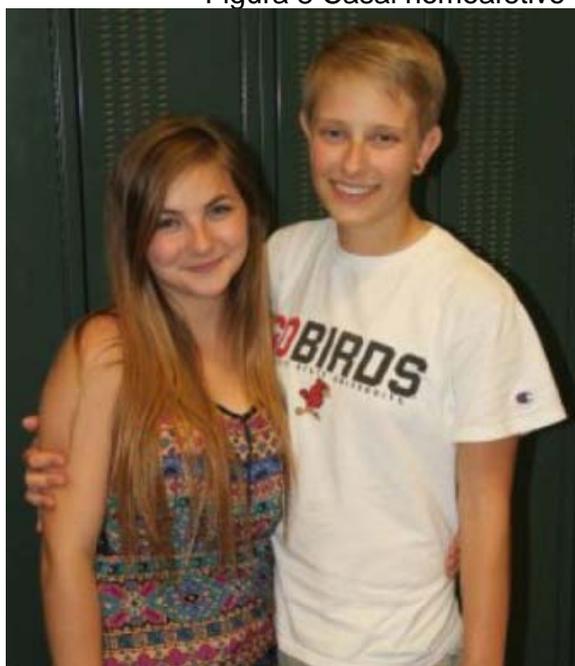
A ¹	Ah, então, gosta eu gostei, mais, tipo. Essa botinha e essa, (camiseta), tipo essa blusinha, só que com manguinha, com outro tipo de desenho, de coração e a bota, (inaudível), e o cabelo .
A ²	Tira essa botinha ficaria bom. Eu queria que ela ponesse assim, de manguinha, que tivesse uma borboleta , qualquer coisa na frente, e tira essa bota aí, ponha um tênis, uma rasteirinha.
A ³	Eu achei, ela tá bonita, só que a blusa tá parecendo de homi , deveria ser mais aqui assim, ter um desenho assim de menina, ser rosa , a bota, sabe essas bonitas que tá na moda.

Essa imagem apresenta a tendência da moda juvenil em 2014, com look composto por camiseta regata, skinny jeans e bota de cano baixo. Porém, as adolescentes fazem declarações de como tornar essa adolescente mais feminina, a aluna 1 propõe que a modelo use uma blusinha com estampa de coração, a aluna 2 indica um desenho de borboleta e a aluna 3 afirma que deve ser um “desenho de menina”, e a cor deve ser rosa.

Explicitam-se as representações das cores distintas para masculino e feminino, os desenhos que “combinam” com a feminilidade são borboleta e coração e a cor rosa irá tornar essa modelo mais menina, pois sua blusa está parecendo de homem e a bota não agradou por ser considerado um modelo fora de moda. O cabelo novamente incomoda a adolescente 1.

Quadro 7 Discursos sobre casal homoafetivo

Figura 8 Casal homoafetivo⁸



Fonte: educacao.uol.com.br

A ¹	Eu gostei a maquiagem tá bonita , o cabelo. Parece um casal perfeito.
A ³	O homem ou a muié? Nenhum dos dois tão bonitos. Mas eles combinaram... A blusa do homem tem que mudar, tirar essa blusa de pedreiro , aí. E também, ela podia pentear o cabelo dela mais um pouquinho. Porque sei lá, ela tá meio estranha , parecendo que ela tá meia inchada . Tirá esse brinco, aí, o cara tá parecendo uma “ mão quebrada ”.
A ²	Os dois? Combinaram. (ele) Por uma blusa da Hollister , da GAP , o cara tá com a cara cansada... (ela) Tá gorda .

Nessa imagem as adolescentes não apresentam dúvidas, a menina com blusinha estampada de alcinha é classificada como feminina e a outra por estar de camiseta é considerada como masculina e firmam que sua roupa se assemelha a

⁸Ola Wolan (direita), eleita o rei do baile da escola, e a sua namorada Amber Phillips. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/06/26/adolescente-lesbica-vence-como-rei-do-baile-em-escola-dos-eua.htm>> Acesso em janeiro de 2015.

de um pedreiro. A adolescente 1 considera esse um casal perfeito, a adolescente 3 afirma que a menina está inchada e que o menino deve tirar o brinco para não parecer um mão quebrada (homossexual). Já a adolescente 2 define a menina como gorda e indica uma camiseta da Hollister ou da GAP para melhorar o visual do menino.

Em nenhum momento elas percebem que este é um casal homoafetivo, a menina de camiseta e cabelo curto é automaticamente classificada como o homem do casal.

Quadro 8 Discursos sobre casal

Figura 9 Casal



Fonte: inner-city-style.blogspot.com.br

A ¹	Tipo, a mulher tá bonita só que, mas sem a saia, agora se ela tivesse com uma sapatilha, com umas coisas mais modernas , e tal, acho que ela ia ficar mais bonita. Agora o homem, essa bolsa parece de mulher e tal.
A ²	Ai, pra mim, eu preferia que ele tirasse esse casaco e ela também, tirasse essa saia de cima, ó, é uma saia grudada, tira esse boné dele, tira essa blusa, tira essa bolsa, que tá ó. (faz sinal de negativo).
A ³	Ela tá bonita, mas eu acho que deu calor nela e ela amarrou o cabelo, mas assim, se ela achava que ia fazer calor, já penteava o cabelo, fazia um rabinho, não colocar o cabelo aqui em cima, parecendo uma véia , mas ela bonita, só o cabelo que tá estranho . E o homem, assim, essa roupa que ele tá, assim, é bonita a roupa, mas ele tem que vestir uma roupa mais de homem , não assim, porque ele tá parecendo com a “ patinha quebrada ”.

Esta imagem apresenta looks bicolor e botas de cano curto, as adolescentes sugerem que o jovem parece um “patinha quebrada” (homossexual), afirmam que a bolsa utilizada por ele é “de mulher” e que a roupa deveria ser “mais de homem”.

A aluna 2 sugere que ele tire o casaco, a blusa, o boné e a bolsa e a jovem deve tirar o casaco e a saia. A aluna 1 acredita que a moça deve usar coisas mais modernas, como uma sapatilha e a aluna 3 sugere que o cabelo seja amarrado em um rabinho.

Quadro 9 Discursos sobre adolescentes

Figura 10 Adolescentes



Fonte: vb.elmstba.com

A ¹	Então, não dá nem pra saber quem é homem, quem é mulher . Eu acho que essa aqui, que tá com o cabelo meio de lado, essa daqui, ela tá parecendo homem, quem sabe. Agora o cabelo... Acho que não ficou legal .
A ²	Ah eu acho que se essa daqui tirasse essa blusa de baixo, tirasse a cor desse cabelo , arrumasse esse cabelo dela, porque tá, ó (faz sinal de negativo, polegar pra baixo), tirasse essa luva. Ele tem que tirar essa blusa de baixo e ficar com a listrada.
A ³	Nenhuma das duas ficou legal. Então, eu achei feio os dois . Né. Eu achei assim, que parece que eles vão numa festa do Halloween , essa maquiagem, tá parecendo que ele levou um soco. Sei lá, tá muito escuro.

É interessante notar que nessa imagem as alunas tiveram dúvidas sobre gênero, elas utilizam palavras femininas e masculinas para falar sobre os jovens. A aparência dos adolescentes não forneceu elementos suficientes para que elas conseguissem inferir sobre o gênero, as falas evidenciam a confusão gerada nas representações de identidade que as alunas trazem.

Quadro 10 Discursos sobre mulher

Figura 11 Mulher



Fonte: autostraddle.com

A ¹	Não sei, parece que tipo, hoje eu sou mulher e amanhã eu sou homem , depois de amanhã eu sou os dois. Tipo, meia hora cada um.
A ²	A blusa tá bonita .
A ³	Essa mulher tá parecendo que ela é sapatona , sei lá. Pelo jeito, parece que ela é sapatona assim. E ela cortou o cabelo dela, mas tá parecendo que ela é homem, mas ela é mulher . O cabelo parece que é homem.

Nessa imagem as falas das alunas apontam uma relação direta do cabelo curto da mulher com sua orientação sexual. A adolescente 1 acredita que ela possa se passar por mulher ou por homem a qualquer momento, já a adolescente 3 aponta que a mulher parece sapatona, e faz referência ao corte do cabelo, mas faz questão de afirmar que ela é mulher. A adolescente 2 apenas aponta que a blusa que a mulher está usando é bonita.

Quadro 11 Discursos sobre adolescente

Figura 12 Adolescente



Fonte: chriskimdotcom.wordpress.com

A ¹	Olha do jeito que esse homem tá, a roupa que ele tá eu prefiro em uma criança. Ele tem o jeito de ter a “ patinha quebrada ”. Por causa que ele, ele tem uma coxona, com sapato vermelho. Parece mulher , o tamanho. Aí pra mim tá dividido, entre criança, pra menina e menino , também.
A ²	Ai gente esse sapato... Parece de mulher .
A ³	Parece o sapato da minha avó . Agora o short... Ai... Eu não queria dar risada dele, mas...

O blogueiro apresentado na foto usa bermuda colorida, suspensório roxo, camisa social e mocassim vermelho. Diante dessa imagem as alunas indicam que o jovem parece ter a “patinha quebrada” (homossexual), esta representação surgiu, segundo elas pelo fato dele ter coxas grossas e estar de sapato vermelho (um sapato considerado por elas, feminino). A Aluna 1 indica que essa mesma roupa seja utilizada por uma criança.

Quadro 12 Discursos sobre casal homoafetivo

Figura 13 Casal homoafetivo



Fonte: cpidnyc.com

A ³	Olha eu achei que ele não deveria ser gay , por que...Pra mim eles estão parecendo pais e filho. Mas se eles foram namorados eu acho estranho , sabe. É, sabe quando parece que uma pessoa brigou daí puxou e alargueceu assim, (aponta a gola). Ficou estranho.
A ¹	Ai gente, cês tem que aceitar eles do jeito que eles é. Tipo, eles tão bonito e tal, mas eu acho que eles ia tá mais bonito se tivesse com uma mulher . Eu não sou contra gay . Nem nada assim, mas... Eles tão com uma roupa casual, de casa, não pra de ali ir no mercado, tal. Agora... É ficou meio estranho (a gola)
A ²	Ai posso falar? Eu preferia que ele tirasse o relógio, porque ele tá bem, assim, tá bonito , só que tirar esse relógio aí. Tá feio esse relógio dele. Não tem nada que falar, eles tão bonito. Eu preferia que ele arrumasse mais essa parte aqui (aponta para gola).

Nessa imagem é apresentado um casal homoafetivo, um dos parceiros usa uma camiseta com gola V, essa tendência para moda masculina vem desde 2009 e continua sendo fabricada por marcas nacionais como a Hering.

Essa imagem trouxe representações da homossexualidade e também da homofobia. A adolescente 3 acha que eles não deveriam ser gays, porque isso é estranho. A adolescente 1 ensaia um discurso de aceitação, mas se contradiz ao afirmar que os homens ficariam mais bonitos se estivessem com uma mulher. Já a adolescente 2 foca no rapaz de relógio e afirma que ele ficaria melhor sem o acessório, ela considera que eles estão bonitos, porém não tece nenhum comentário sobre a questão de gênero. A gola V incomodou as 3 alunas.

Embora exista um contexto no país de maior diversidade sexual e a luta para que existam menos rótulos, notamos que ainda se mantêm representações preconceituosas, discriminatórias e conservadoras. Bortolini (2008) aponta que

Esse embate entre o novo e o conservador, entre a conquista dos direitos e a repressão originada nos preconceitos se dá em todo o corpo social, em diferentes lugares e momentos. Na família, no círculo de amigos, na comunidade, no trabalho e, é claro, na escola (BORTOLINI, 2008, s/p).

Quadro 13 Discursos sobre modelo *plus size*

Figura 14 Modelo *Plus size*



Fonte: kiabi.it

A ¹	Uma roupa pra ir numa sorveteria com os filhos . À noite pra ir na lanchonete com as crianças, com a namorada , tá bonito só que, ele tá parecendo assim... Tipo assim, essa blusa pode ser assim, mas ele esticou pra por ela... Todo mundo sabe onde é o umbigo dele. Tipo vou mostrar pra todo mundo, assim. .
A ²	Ele tinha que usar uma blusa mais larga, tá muito apertada . Tipo tira essa barriga .
A ³	É tá bonito,... Tinha que usar uma blusa mais curta, que nem os homens vestem , não assim. Ou ela podia ser mais curta, tipo assim “vou disfarçar minha barriga ”.

Essa imagem aponta as representações das adolescentes sobre os padrões de beleza impostos aos homens. As três consideram que ele está acima do peso, porém não usam a palavra gordo em nenhum momento, elas usam outros termos e sinais para indicar essa percepção. A camiseta se tornou o foco das análises, a adolescente 1 diz que a blusa foi esticada, a 2 sugere que a peça está

apertada e a 3 acha que a blusa deveria ser mais curta, “para disfarçar a barriga”. A adolescente 1 faz uma leitura imagética de um homem que é pai e que vai à sorveteria com os filhos (as crianças) e com a namorada.

Notamos que a noção de um corpo disciplinado (magro, esbelto) não escraviza apenas as mulheres, as adolescentes apontam que o corpo masculino também deve ser esforçar para responder ao ideal de homem fundado na imagem de um corpo musculoso (tanquinho) e saudável disseminado pelas mídias, por enquanto o modelo pode recorrer aos recursos estratégicos para disfarçar a barriga, por exemplo, com uma blusa mais larga.

Quadro 14 Discursos sobre Léo Áquilla

Figura 15 Léo Áquilla



Fonte: noticias.terra.com.br

A ¹	A banha dela saindo pra fora. E ela é magrinha , o vestido ficou bonito nela, só que...
A ²	Tem que tirar o cinto. Olha eu preferia que ela arrumasse mais o cabelo , né. Tirar isso aqui (aponta pra mão).
A ³	Ah, agora sim, o vestido pra mim tá bonito . Ela tá bonita, parece que o vestido chama a atenção também, pra mim ela deveria pentear o cabelo pra trás. E não fazer essa pose. Gostá eu gostei, mas aqui tá meio... Ela colocou o cinto, o vestido tá puxado assim, ta parecendo a parte da barriga dela.

Nessa imagem as adolescentes consideram o vestido bonito, porém acham que está marcando a barriga. O cabelo incomoda duas alunas (2 e 3) que afirmam que deveria estar mais arrumado. Em nenhum momento Léo Áquilla é

considerado como homem, sua imagem visual (cabelo, vestido) é considerada feminina imediatamente pelas alunas.

Quadro 15 Discursos sobre Valesca Popozuda

Figura 16 Valesca Popozuda



Fonte: wp.clicrbs.com.br

A¹	Eu acho que, pra idade dela, ela pode até usar esse vestido, mas um pouquinho mais longo . Não fazer essa pose, vai aparecer até o (...) dela. E o... Sapato.
A²	Eu preferia que ela tirasse a cor desse esmalte, porque não combinou com o vestido. Essa pulseira, arrumasse mais o cabelo , ponhasse um pouquinho pra frente, jogasse um pouco pro lado. Esse brinco aí ficou muito, sabe... Muito...
A³	Olha, pra mim, ela tá bonita , o que eu não gostei nela é o cabelo , assim. A maquiagem até que tá meio bonita assim, mas do jeito que ela puxou a sombrancelha, parece que ela tá assim, ó.

A artista é imediatamente reconhecida pelas alunas, duas consideram que seu cabelo não está bom. A adolescente 1 afirma que para idade de Valesca o vestido deveria ser mais longo e que ela não deveria fazer essa pose, pois vai mostrar demais o corpo. A adolescente 2 considera o brinco exagerado e que o esmalte não combina com o vestuário. A adolescente 3 afirma que Valesca está bonita, mas o cabelo precisa melhorar.

Quadro 16 Discursos sobre Anitta

Figura 17 Anitta



Fonte: blogdosaojose.blogspot.com.br

A¹	Ai Anitta que linda! Dela não tem que falar nada. Nada mesmo. Tá perfeita.
A²	Tá perfeita.
A³	Ela tá bonita , não tem que falar nada pra ela. Sabe nada. É só ela puxa mais um pouquinho o cabelo , assim, de lado. Ficou bonito. É só passar uma escovinha aqui, porque tá assim o cabelo dela, ó.

As adolescentes vibraram quando surgiu a foto da Anitta, nas falas afirmam que ela está bonita, perfeita. A cantora tem total aprovação das alunas. A adolescente 3 aponta que seu cabelo precisa de uma escovinha, mas ela está bonita.

Quadro 17 Discursos sobre MC Guimê

Figura 18 MC Guimê



Fonte: criancas.uol.com.br

A ³	Ele tá bonito nessa foto. Eu se fosse ele eu não gastaria tudo meu dinheiro fazendo tudo isso de tatuagem . Não ficá gastando só comigo, pensando só em mim. Mas ele tá bonito.
A ¹	Esse homem! Tem que tirar essas tatuagens , que ficou muito “cheguei”. Ele é perfeito . Investia mais na minha família, na minha casa e tal.
A ²	MC Gui.Tem que tirar esse relógio. E essa blusa tá parecendo que foi mastigada pela vaca .
A ¹	Parece que ele acabou de ser engolido pela vaca e a vaca jogou ele pra fora. Ai que lindão .

MC Guimê é imediatamente reconhecido pelas adolescentes. Bonito, perfeito e lindão são os termos usados pelas alunas para se referir ao MC. As adolescentes 3 e 1 afirmam que ele deve investir seu dinheiro mais na família e menos em tatuagens. Já as adolescentes 2 e 1 consideram que sua camisa blusa está amassada, como se tivesse sido mastigada por uma vaca.

Em relação à forma de investir o dinheiro as adolescentes citam uma das características do Funk Ostentação, a ascensão social e a ajuda à família, como afirma França (2014)

Assim, a ascensão dessa classe não ocorre semelhante à figura do “novo rico”, do emergente que costuma negar as raízes humildes de

onde saiu. Eles têm orgulho de serem da periferia, não negam o grupo ao qual pertencem. Percebe-se uma constante tentativa de recuperação do lugar de origem. O próprio funk ostentação não fala apenas de luxo, mas de superação (FRANÇA, 2014, p. 11).

Quadro 18 Discursos sobre Nany People

Figura 19 Nany People



Fonte: colchadifuxico.com.br

A ¹	<p>Eu gostei, mas... O cabelo dela podia ser aqui... Ficou meio estranho. E tirar o bolero. E colocar um cinto. Ia ficar bonitinho, um cinto preto, vermelho, sei lá. Tem que arrumar mais, porque tá parecendo que ela pegou o sutiã de jovem, né...</p> <p>Ou ela viu o vestido “nossa perfeito!”. Comprou, não experimentou e saiu.</p>
A ²	<p>O cabelo dela tá ó (polegar para baixo). Queria que ela arrumasse mais. Esse vestido dela tá pior que o da (nome). Tira esse negócio aí e ponha outro vestido. Ponha uma coisa pra não ficar mostrando os peitos, porque tá muito decotado.</p>
A ³	<p>Pra mim ela tá bonita, o que ela tem que tirar é esse bolerinho dela. O relógio e as pulseiras. E esse colar que é branco, não tem como combinar com o vestido que não tem branco. Mas tá bonito nela, assim, a maquiagem, o cabelo. Tá parecendo assim, que ela olhou assim, pro vestido assim, aí eu gostei desse vestido, o vestido, aí também gostei desse bolero, aí pra usar com blusa regata, “aí se eu usar os dois juntos vai ficar perfeito” e coloca. Só que não ficou muito bom.</p>

A adolescente 1 não aprova o cabelo e sugere que o sutiã de Nany é de uma jovem. A adolescente 2 também não aprova o cabelo e afirma que Nany

deveria cobrir os seios porque o vestido está muito decotado. Já a adolescente 3 diz que Nany está bonita, mas em seguida desconstrói essa afirmação sugerindo que ela deve tirar o bolero, relógio e pulseiras, concluindo que não ficou muito bom.

Quadro 19 Discursos sobre jovem negro

Figura 20 Jovem negro



Fonte: [pinterest.com](https://www.pinterest.com)

A ¹	O cabelo tá parecendo daquelas mulher que tem o cabelo, crespo , crespo. Aí, ele fez esse coque. E a roupa tá bonita.
A ²	E tirar essa barba . (a roupa) Tá bonita combinou.
A ³	Ele tá bonito , só que... Tiraria só o cabelo e barba . Casual...

Esse jovem é considerado bonito pelas adolescentes, é interessante notar que diferente da foto do MC Guimê elas não mencionam as tatuagens do rapaz. Com relação ao cabelo a adolescente 1 o relaciona com o cabelo crespo de uma mulher e as 3 alunas sugerem que o cabelo e a barba sejam retirados.

Quadro 20 Discursos sobre adolescente

Figura 21 Adolescente



Fonte: myfashiony.com

A ¹	Uuuuu. Tá bonito assim.
A ³	Ele tá bonito , só tirar essa “toca”, porque eu não tô vendo nada de frio aí. E ele saí desse terreno. É e coloca uma calça jeans mais agarrada, assim.
A ²	Tira essa “toca”. (calça) Não apertada na canela e larga em cima. Ponha uma meia soquete.

A adolescente 1 considera o menino bonito, e não faz observações. Já as alunas 3 e 2 acreditam que ele deve tirar a touca e colocar uma calça mais agarrada e usar uma meia soquete.

Quadro 21 Discursos sobre pessoas de costas

Figura 22 Pessoas	
	
<p>Fonte: immediateentourage.com</p>	
A²	Essa daqui de saia eu preferia que ela tirasse esse sapato dela. A roupa das moça lá da frente tá boa .
A¹	E a bolsa porque não ficou nada, tipo, parece que eu acabei de levar minha filha pra creche e fui buscar ela.
A³	Parece que ela foi na igreja ...e o senhorzinho a calça dele parece que tá caindo.

A adolescente 3 associa a saia comprida à igreja, a aluna 1 considera que a bolsa utilizada é de uma mãe que tem uma filha em idade para frequentar a creche. Já a aluna 2 sugere que a mulher de saia use outro sapato. Apenas a adolescente 3 faz referência ao homem, sugerindo que sua calça está caindo.

5.2 Representações das Preferências

Após a apresentação das imagens as adolescentes foram questionadas sobre suas preferências em relação às seguintes categorias: roupas que usariam, roupas que não usariam, meninos que gostaram, imagens consideradas mais masculinas e imagens consideradas mais femininas.

Quadro 22 Roupas que usariam

	
A¹	Sim, a da Anitta. Usaria com salto e tudo do jeito que ela tá aí.
A²	Da Anitta e aquela primeira lá. E essa daí. Eu amo onça.
A³	Da Anitta.

Gade (1998) apud Garcia (2014) aponta que na pré-adolescência o vestuário torna-se símbolo de identidade. O jovem busca referências de moda em revistas, televisão e no seu meio social. Em geral, se espelham em pessoas vistas como ícones dentro de seu grupo e com influência para o grupo todo, como celebridades de televisão, cinema, música e atletas esportivos.

É interessante notar que entre as roupas eleitas pelas adolescentes a Anitta é unanimidade. A adolescente 2 cita ainda que usaria a roupa da primeira modelo e o vestido de Valesca Popozuda, pois gosta de estampas de onça.

Quadro 23 Roupas que não usariam

	
A ¹	Esse daqui não.
A ²	Em primeiro lugar, esse daqui.
A ³	Esse daqui. (Mas nem que a vaca tussa!)

As roupas que as adolescentes não usariam são os vestidos apresentados em Nany People e Léo Áquilla.

Quadro 24 Meninos que gostaram

	
A¹	Agora, na minha opinião eu pegaria esse daqui.
A²	Desse aqui, mas tirando o cabelo dele. O de trás, eu também.
A³	Assim, eu até podia gostar desse menino aqui, mas ele tá estranho com essa calça e boné. Eu pegaria o de trás.

As três adolescentes elegeram o homem do casal homoafetivo (indicado pela seta) como parceiro desejado. A adolescente 2 afirma que também gostou do jovem negro, porém tirando o cabelo crespo. A adolescente 3 até gostaria do jovem de camiseta preta, porém se ele estivesse com outra calça e sem o boné.

Quadro 25 Imagens consideradas mais masculinas



A ³	Esse e o MC Guimê. Esse dois também. 
A ²	É...
A ¹	É. Esse dois também.

Questionadas sobre as imagens que consideraram masculinas as adolescentes elegeram novamente o homem do casal homoafetivo (indicado pela seta) como o mais masculino. A adolescente 3 elegeu também o jovem negro e o MC Guimê. As adolescentes 1 e 2 concordaram com a aluna 3.

Quadro 26 Imagens consideradas mais femininas

	
A¹	Essa, a Anitta.
A²	A Anitta e aquela primeira lá. E essa.
A³	A Anitta. E da Valesca Popozuda, só que ela não sabe se vestir.

Questionadas sobre as imagens que consideraram mais femininas as adolescentes elegeram em unanimidade a Anitta. A adolescente 1 e 2 elegeram também a primeira modelo. Já a adolescente 3 incluiu a Valesca Popozuda em sua escolha, embora tenha ressaltado que ela não sabe se vestir.

5.3 Representações de Moda

“Por mais que pareça de importância secundária, missão da moda não é somente a de nos aquecer. Ela muda o aspecto do mundo aos nossos olhos e nos muda aos olhos do mundo.”
Virgínia Woolf

Ao serem indagadas sobre o que entendiam por moda as adolescentes fizeram relação com o conceito de **aparência**, pelo discurso inferimos que para elas a moda está vinculada, basicamente, à aparência. Assim, as concepções apresentadas pelas estudantes têm relação com a definição de Craik (1994) na qual a moda é entendida como mudança externa intencional da aparência.

Entretanto, as alunas destacam que não é qualquer aparência, é uma imagem cuidada, tratada, apresentando a beleza, que se expõe ao olhar do outro. Para as adolescentes moda é:

Quadro 27 Discursos sobre Moda

A¹	Moda é quando a gente coloca a roupa combinando . Cabelo. Anéis.
A²	Se vestir bem... É quando a gente vê aqueles desfiles. Sapato .
A³	Se arrumar. Maquiagem .

Aparência

Nas falas das alunas notamos que a moda é entendida por elas como um cuidar do que é visto, um corpo que se apresenta tratado, bem vestido, com roupas que combinam, sapato, cabelo, maquiagem e acessórios (anéis). Assim, a aparência é dispositivo de comunicação do indivíduo. Como afirmam Perito e Rech (2009)

Deste modo, a aparência como um todo comunica, e a roupa goza de privilégios de prioridade de comunicação, pois, costuma, por um lado, na nossa sociedade, cobrir a maior parte do corpo ou chamar mais atenção e ser portado pelo indivíduo externamente, em todo lugar a que for. Por outro, é o artifício que permite maior intensidade de transformação corporal com menor esforço. Se for adicionado à categoria das roupas, os cabelos, a maquiagem e a pintura corporal se têm, então, a possibilidade de uma grande transformação visual que pode ser relativamente muito rápida, fácil e acima de tudo temporária, uma das razões que explicam o fato de a moda exercer sua influência, principalmente, nesse campo (PERITO; RECH, 2009, p. 108).

As adolescentes pesquisadas afirmam também esses padrões de aparência para os meninos. Salientando a importância das roupas, cabelo e corpo.

Quadro 28 Discursos sobre aparência

A¹	A primeira impressão é a roupa. Como que ele tá vestido. O sapato. Se a roupa é veia, se a roupa é nova. Se o sapato é veio, se o sapato é novo. E o cabelo. E não tem que ser careca, pelo amor de Deus! E nem te cabelo crespo . Tem que te assim, cabelo liso. Aqueles gatinhos que passa na televisão. Uuuuuu. E tem que tê tanquinho né.
A²	Verdade.
A³	Tem que tá bem vestido né, se tá calor uma bermuda, um tênis, uma blusa... Tem de ser roupa de marca .
A¹	Ai teve um dia que eu fui no SESC(...) Ai vem um menino todo torto, pra falar. Assim ó, sabe aqueles cabelos, tudo crespo, sabe aquele cabelo duro que não dá pra pentear?

A partir das falas das estudantes destacamos requisitos que elas apontam como fundamentais para que um menino seja interessante.

Cabelo

Embora o Brasil seja um país com imensa miscigenação, o padrão de beleza valorizado pelas adolescentes é o cabelo liso. Notamos que ter a preferência por um padrão de beleza que, embora destoe do perfil da maioria da população, (inclusive dos colegas de Escola e moradores do bairro onde vivem) é o valorizado, visto várias vezes em diversos lugares, revistas, televisão, propagandas, outdoors etc.

Parece normal que elas considerem bonitos, atraentes e desejáveis os meninos “gatinhos como os que passam na TV”, com cabelo liso e “tanquinho”, como uma preferência, um desejo pessoal e não como algo construído pelas tantas imagens e mensagens com as quais são bombardeadas todos os dias.

Entretanto, essa aparente escolha tem relação com a concepção de que o cabelo crespo é inferior ao liso. Essa afirmação deixa de lado à relação com a cor/raça, como destaca Santos (2007)

A percepção negativa desse atributo físico, nas relações entre alunos, evidencia a concepção de inferioridade do negro, caracterizado para além da cor. A cor deixa de ser, num primeiro plano, a marca da diferença, dando lugar para o atributo cabelo. Este

passa a constituir um estigma mais funcional. Ou seja, o negro é estigmatizado no jogo das aparências, sem, no entanto, se referir diretamente à cor/raça (SANTOS, 2007, p.18).

Corpo Masculino

A influência das mídias na fala das adolescentes fica evidente, o padrão de corpo desejado por elas remete à barriga tanquinho, um padrão de beleza que associa o corpo “sarado” com saúde. Como destaca Garcia (2014)

Ausência de barriga: Este requisito está associado à sociedade moderna, que construiu uma opinião de acordo com as academias de ginástica que tentam a todo custo convencer que um abdômen atlético é sinônimo de saúde. Em épocas passadas, a quantidade de alimento era escassa e a barriga era símbolo de *status*. (GARCIA, 2014, p.24, grifo no original).

Certamente, o corpo evidenciado na televisão não é o corpo em si, mas sim, a exposição de um modelo de corpo masculino. Esse modelo é veiculado de forma estereotipada, reproduzindo imagens de representação de um padrão de corpo vigente. E esse corpo visto como referência é um corpo “bonito por dever”, um corpo que cultua um padrão de beleza ocidental. Ora, a anatomia não é mais destino. O corpo cultural supera o biológico. Para Santaella (2004)

São, de fato, as representações nas mídias e publicidade que têm o mais profundo efeito sobre as experiências do corpo. São elas que nos levam a imaginar, a diagramar, a fantasiar determinadas existências corporais, na forma de sonhar e desejar que propõem (SANTAELLA, 2004, p.125).

Marcas

Nas falas das meninas, em diferentes momentos, elas citam roupas de marcas como desejadas. No universo da Moda as marcas procuram transmitir uma necessidade humana, através do processo de divulgação e valorização de suas peças. Os produtos de vestuário utilizados nas imagens das marcas são planejados de forma em que o público se imagine usando aquele estilo.

O modo como às pessoas se enxergam e a forma em que elas gostariam de ser são influenciadas no momento em que ela veste o produto daquela

determinada marca. Para Gade (1998) apud Garcia (2014) as marcas são ferramenta para escamotear a insegurança dos jovens, que apresentam hesitação no plano pessoal, dúvidas sobre o alcance de seus desejos, de não serem atraentes, bonitos, inteligentes e capazes de manter a sua vida almejada. Portanto, as marcas transmitem certa confiança de que o adolescente “está fazendo a coisa certa”.

As marcas citadas pelas pesquisadas foram: GAP, Hollister e Adidas. Essa não é uma preferência soltas das estudantes. Hollister e Adidas são marcas que estão diretamente ligadas ao mundo do Funk, mais especificamente com o Funk Ostentação. Como afirma Abdalla (2014)

Um fenômeno surgido na periferia paulistana, intitulado Funk Ostentação, reflete a importância do consumo para os jovens. Os cantores desse movimento, conhecidos como *MCs (masters of ceremony)*, cantam suas aspirações de consumo, em letras com muitas referências a marcas e produtos de luxo. O movimento, que nos últimos meses tem chamado atenção dos meios de comunicação tradicionais, se apoia desde seu início na divulgação de músicas por meio de vídeos disponibilizados no *site YouTube*. O sucesso obtido na periferia de São Paulo se espalhou pelas regiões periféricas de outras grandes cidades e começa a se expandir, recebendo atenção dos canais de televisão aberta e tocando em casas noturnas de bairros nobres de São Paulo, como Itaim, Vila Olímpia e Jardins. Os *MCs* mais conhecidos chegam a fazer quatro apresentações por noite, em casas noturnas, e seus vídeos passam de um milhão de acessos no *site YouTube* (ABDALLA, 2014, s/p).

Para as adolescentes pesquisadas essas marcas fazem parte das representações de consumo e identidade e são objetos desejados na composição visual dos meninos. França (2014) em pesquisa sobre o Bonde Ostentação levanta as mesmas representações em outras adolescentes.

O depoimento de uma das “rolezeiras” comprova tal fato: “Tem que ser uma bermuda branca, com [tênis] Nike Shox, uma camiseta da Hollister, da Aeropostale, um [óculos] Juliet e um boné. Tá perfeito. Esse aí é o gato do rolé, que chama a atenção” (FRANÇA, 2014, p.4).

Alguns produtos de marca citados por elas são:

Quadro 29 Algumas roupas citadas

<p>Figura 23 Moletom GAP</p>  <p>Fonte: gap.com</p>	<p>Figura 24 Camiseta GAP</p>  <p>Fonte: gap.com</p>
<p>Figura 25 Bermuda Hollister</p>  <p>Fonte: brhollister.com.br</p>	<p>Figura 26 Moletom Hollister</p>  <p>Fonte: brhollister.com.br</p>
<p>Figura 27 Boné Hollister</p>  <p>Fonte: twenga.com.br</p>	<p>Figura 28 Camiseta Hollister</p>  <p>Fonte: brhollister.com.br</p>

As referências das adolescentes à marca Adidas têm relação com o *Funkde MC Dadinho* e sua música que se tornou um vídeo viral no *Youtube*, com milhões de visualizações. Nessa coreografia o MC está com um tênis da Adidas, o modelo *Springblade*. Após o lançamento e disseminação desse vídeo o calçado ficou conhecido entre os jovens das classes populares como o tênis do Passinho do Romano.

Quadro 30 Funk e Marca



Gade (1998) *apud* Garcia (2014) revela que os adolescentes se acham diferentes de outros jovens que não pertencem a um grupo de referência. Assim, vestir uma camiseta e um tênis de uma marca mundialmente conhecida permite a aceitação em uma “tribo” de adolescentes.

Dessa maneira, para Gade (1998) os jovens de classe social baixa, que não possuem renda para adquirir produtos de marcas cobiçadas por esse público, também demonstram uma forte preocupação em pertencer a grupos e adquirir símbolos e *status*, então normalmente estes usarão roupas e tênis de marcas falsificadas. (GARCIA, 2014,p.52).

Ao utilizar roupas e acessórios de marca cria-se uma oportunidade para esses jovens se sentirem incluídos no universo de consumo sonhado e agora possível. Sentindo-se parte (mesmo que simbolicamente) de uma classe que pode comprar e usar a camiseta da propaganda da TV (FRANÇA, 2014).

O acesso às tecnologias permitiu uma dinâmica de linguagem visual imediata que identifica determinados produtos por um “logotipo” capaz de ultrapassar a barreira da linguagem falada e escrita, por meio da televisão e da internet. A identificação de símbolos que se remetem a um produto internacionalmente comercializado possibilita expressar sentimentos e materializar uma ideologia que se reflete no tempo e no espaço.

Ao falarem sobre o uniforme escolar as estudantes mostraram não gostar do modelo adotado pela Instituição, por tratar-se de uma camiseta feita com malha transparente, o que incomoda as adolescentes, que optam por não usá-lo.

Quadro 31 Discursos sobre uniforme escolar

A¹	Ah não... É feia.
A³	É transparente.
A²	Dá pra ver tudo... Se você vem com um sutiã rosa, ai se veste ele, ai fica transparente.

A escola estadual na qual foi realizada a pesquisa tem uma camiseta branca com um brasão da Unidade estampado na altura do peito, porém seu uso não é obrigatório, para as adolescentes isso é bom, pois elas afirmaram não gostarem da camiseta. Segundo elas na escola não pode usar short, decotes, blusa decotada ou blusa aberta. Calças e bermudas no joelho são permitidas. A Aluna 3 declara que a direção escolar “quer que a gente venha com blusa de menino”.

Elas usariam o uniforme se ele fosse bem bonitinho, com detalhes, gostariam que fosse um short ou uma calça legging com uma blusa bonita. As estudantes citam como referência de beleza o uniforme distribuído para a Educação Infantil e Ensino Fundamental, pela Prefeitura Municipal no ano de 2012, composto por uma camiseta branca com gola V e um short-saia azul.

Figura 31 Uniforme Escolar



Fonte: arteculturanosegundotempo.blogspot

5.4 Representações de Gênero

Buscamos levantar no discurso das adolescentes suas representações de gênero. Como afirma Louro (2007)

Aquilo que se diz ou se pensa sobre os indivíduos portadores de determinadas características sexuais é o que vai constituir efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados (LOURO, 2007, p.14).

Observamos uma preferência por meninos mais velhos, elas citam até 15 anos como um limite aceitável na diferença de idades. Esse desejo pode ter relação com a representação de que um menino mais velho terá mais experiência para uma possível iniciação sexual. Levando também em conta nessa preferência os ideários que perpassam as novelas brasileiras.

Quadro 32 Discursos sobre idade

A ¹	Ó, eu tenho doze, ele tem catorze, aí sim. Aí tipo, de quinze pra cima, eu não ficaria. Assim, porque senão eles vão falar que ele é pedófilo. Eu não quero que fala isso do meu namorado não.
A ³	Assim, no caso eu ficava com um menino de 15 anos, até 14 , porque menino mais novo que eu, eu acho estranho .
A ²	É. Aí, aí é muito criança .
A ³	Tipo você tem 30 anos e seu namorado tem 24, eu acho estranho isso. Porque a maioria das pessoas namora com homem mais velho . Não a mulher mais velha que o homem, eu acho estranho.

Borges e Schor (2005) em estudo sobre a iniciação sexual de adolescentes afirmam que considerando a idade média dos primeiros parceiros sexuais, os dados mostram que os jovens tiveram a primeira relação sexual com pessoas mais velhas. Porém, ressaltam que os primeiros parceiros sexuais das adolescentes, sendo quase quatro anos mais velhos que elas, podem gerar perdas no poder de negociação e autonomia na decisão em relação ao momento de iniciar a vida sexual e na escolha do uso e tipo de métodos anticonceptivos pelas mulheres. O estudo reforça o tradicional relacionamento de mulheres brasileiras com

parceiros mais velhos e mais experientes sexualmente e, provavelmente, mais expostos aos riscos de contrair DST/AIDS.

Esse é um fator de risco para as adolescentes pesquisadas, dadas as estáticas que o bairro apresenta para a gravidez na adolescência, citadas no Capítulo 4. A Aluna 1 falando sobre relacionamentos e gravidez afirma que: “Aí, não vou carregar aquela barrigona assim com quinze anos, né”. Essa é uma imagem comum no bairro, dada à baixa escolaridade das adolescentes, embora haja informação em relação aos métodos contraceptivos e a gravidez na adolescência isso não garante a prevenção. Como afirma Freitas *et al* (2015)

Em vários estudos os adolescentes se consideraram informados sobre o risco de gravidez na adolescência (92,1% - Silva et al., 2012; 97,9% - Ferreira & Torgal, 2011). Porém, quando questionados em relação ao conhecimento do ciclo menstrual, divergiram e apresentaram falhas (Silva et al., 2012). Além disso, os adolescentes podem até ter recebido informações sobre métodos anticoncepcionais e prática de sexo seguro, mas isso não garante o seu uso adequado (Ferreira & Torgal, 2011). (FREITAS et al., 2015, p. 143).

Quadro 33 Discursos sobre altura

A ¹	Aí a mulher mais baixa que o home, eu acho tão fofinho.
A ³	Eu não gosto de tipo assim, você é alta, mais alta que seu marido e seu marido é mais baixo que você. Ele é baixo e você é alta. Eu acho estranho também.

Nas preferências expostas pelas adolescentes a altura do menino faz diferença para a relação afetiva. O padrão de beleza associa a altura à um padrão físico e possível indicativo de saúde, ou como um poder atribuído ao homem, simbolicamente representado e sancionado como o sexo forte.

Quadro 34 Discurso sobre roupas inadequadas

A ¹	Usa a roupa aparecendo a polpa da bunda , parecendo calcinha, isso é roupa de dormir, ai sai com aquela roupa que parece um pijama.
A ²	Odeio gente que usa saia mostrando a bunda , né? Só que dá vontade de falá pra aquela pessoa não usar, porque não é uma roupa adequada pra ela usar, uma menina de dez, nove anos, por aí, (...).
A ³	Mas não pode usar, porque você sabe a mente dos meninos hoje em dia... Ai já se passa de adulto, no meu tempo não tinha isso.
A ¹	Assim, hoje em dia você sai na rua você vê as nenezinhas andando pelada

	na rua.
A ³	Ah, neném? Ô.
A ²	Ah, mesmo assim, tem que ter roupa, tem que dar exemplo pra menina, não pode andar pelada .
A ¹	Ela só quer aquelas roupas que é curta... Ela só gosta das roupas de periguete ...

A escolha de roupas curtas, justas que mostram o corpo é associada com uma mulher que não está adequada aos padrões tradicionais de conduta feminina, por agir ou vestir-se de maneira considerada provocante. Essas roupas mostram-se um perigo para a sociedade, pois ameaça valores tradicionais com seu comportamento sexual fora de relações aceitas ou pela exposição do corpo, que pode sugerir uma conduta inadequada.

Nas falas das adolescentes surge o termo periguete, que segundo Lana (2014).

Periguete designa a mulher sensual, que usa roupas curtas, apertadas e decotadas, acessórios exagerados e salto alto, sobressaindo-se visualmente na paisagem social pela exposição do corpo, geralmente caracterizado por bronzeamento, cirurgias plásticas e próteses de silicone. O projeto de vida da *periguete* é alcançar a estabilidade financeira, empregando deliberadamente estratégias de sedução, sem demonstrar pudor ao exibir o corpo. A *periguete* frequenta ambientes, festas e baladas onde seja possível encontrar homens bem-sucedidos (LANA, 2014, p. 71).

Quadro 35 Discursos sobre expectativas

A ¹	O namorado pra mim perfeito tem que andar bem arrumado , bem cheiroso. Tinha que saber a hora que é de brincar e a hora que é de parar. Essas coisas assim. Agora, não é ficar me iludindo , chega na hora, fala eu te amo, depois nós começa desconfia, ai nós segue e tá com outra.
A ²	Olha ele tem que tá vestido bonito , certinho, adequado ... Tem que ter um caráter bom , tem que andar cheiroso, né, lógico.
A ³	Tem que usar roupa adequada , tem que ser legal, bondoso , assim, eu não gosto de gente assim, falsa , que fala que me gosta e fica me iludindo e gosta de outra menina.

As estudantes ressaltam as qualidades que os meninos devem apresentar para ser um bom namorado. Além das características relacionadas à aparência (bonito, adequado e arrumado) elas enfatizam características ligadas à conduta moral (caráter bom e bondoso).

Notamos pelos excertos que há uma generalização consensual entre as pesquisadas acerca de uma suposta natureza infiel masculina. Tal característica está associada a uma sexualidade desenfreada que não é passível de ser controlada, já que se trataria de algo natural, biológico.

As estudantes demonstram expectativas de um relacionamento pautado na fidelidade e sinceridade permeando estas relações amorosas. Elas atribuem um significado de reciprocidade no gostar, pressupondo também a existência de amor de ambas as partes. Observamos que a fidelidade masculina é um atributo desejado e cobrado pelas adolescentes, mesmo antes de iniciarem a relação amorosa.

Quadro 36 Discursos sobre homossexualidade

A ¹	Aí com rosa, aí sem querer eu virei falei assim, não foi sem querer eu fiz por que eu quis mesmo, seu viado , fazendo assim na roupa, aquele short né, aí eu peguei falei assim 'credo, que é isso?
A ³	É, parece que ele compro um shorts de muié, com cor de homi, e colocou um cinto de homi. Tirá esse brinco, aí, o cara tá parecendo uma " mão quebrada ".
A ¹	É pior que, que mão quebrada .
A ³	E o homem, assim, essa roupa que ele tá, assim, é bonita a roupa, mas ele tem que vestir uma roupa mais de homem , não assim, porque ele tá parecendo com a " patinha quebrada ".
A ³	Essa mulher tá parecendo que ela é sapatona . O cabelo parece que é homem .
A ¹	Não sei, parece que tipo, hoje eu sou mulher e amanhã eu sou homem , depois de amanhã eu sou os dois. Tipo... Meia hora cada um...
A ³	Olha eu achei que ele não deveria ser gay , por que ...
A ¹	Ele tem o jeito de ter a " patinha quebrada ". Por causa que ele, ele tem uma coxona, com sapato vermelho, parece mulher .
A ¹	Tipo, eles tão bonito e tal, mas eu acho que eles ia tá mais bonito se tivesse com uma mulher . Eu não sou contra gay . Nem nada assim, mas...
A ²	É.
A ³	Pra mim eles estão parecendo pais e filho. Mas se eles foram namorados eu acho estranho .

Entre as adolescentes pesquisadas a homossexualidade masculina é tida como **estranha**, e elas a associam aos termos como "mão quebrada" ou "patinha quebrada", relacionando com trejeitos femininos. Essa conduta é rejeitada

como uma conduta aceitável, “normal”, por desestabilizar a relação corpo masculino-papel masculino.

Essa representação denota a concepção de que ao imitar a mulher o homossexual despersonaliza-se do seu papel de macho, mas não torna-se idêntico à mulher ocupando, assim, um espaço de não pertencimento a nenhuma categoria “natural”, macho ou fêmea. Ocorre a não aceitação do homossexual que se traveste de mulher considerando que ele abandonou sua fonte de poder, em nossa sociedade a imagem masculina.

A homossexualidade feminina também não é aceita pelas adolescentes que consideram que esta fere igualmente a condição de feminilidade (“parece homem”), quer por alterar os comportamentos esperados para o sexo feminino, quer por deixar de assumir o desempenho do papel passivo na relação afetiva.

Observamos também que as adolescentes tentam não demonstrar preconceito contra aqueles que tem orientação homossexual, porém afirmam que eles estariam melhores com uma mulher, ou seja, em um padrão heteronormativo. Parece, entretanto, que a aceitação da homossexualidade pelas estudantes não deixa de ocultar preconceitos.

Notamos que ao definir esta prática sexual, o uso de termos pejorativos entra em cena, simbolizando, com isso, a existência de discriminação em função dos valores sociais que carregam com relação ao assunto (sapatona, estranho, pata quebrada, mão quebrada). Embora exista na sociedade brasileira moderna, um esforço para desmistificar a homossexualidade como “doença” ou “desvio” de comportamento, observamos que essas representações persistem ainda nas concepções das adolescentes pesquisadas. Como afirma Louro (1998)

A sexualidade “normal” é a heterossexual; mais do que isso, ela é concebida como a única forma “natural” de sexualidade. Homens e mulheres homossexuais ou bissexuais estão fora da norma, são desviantes, doentes ou pervertidos. A referência heterossexual também marginaliza aquelas e aqueles que vivem a sua sexualidade sozinhos, sem parceiros, ou que transitam de uma forma de sexualidade e à outra. Uma infinidade de teorias médicas, psicológicas e religiosas é acionada para reconduzir essas mulheres e esses homens à posição “correta” e “sadia” – a heterossexualidade (LOURO, 1998, p. 36).

As posições sobre a homossexualidade entre as estudantes indicam que os valores sociais existentes sobre tal prática ainda sofrem discriminação e repulsa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que um dos motivos da relevância desta pesquisa foi contribuir para o campo de estudo do fenômeno Moda, como um dos vieses possíveis para se compreender tanto os sujeitos quanto o próprio contexto social, econômico e cultural. No caso dessa pesquisa, buscamos, mediante as vozes e olhares das adolescentes, os significados atribuídos à moda e as lentes que usam para enxergar o outro através de sua linguagem. Também se pretendeu apreender esse fenômeno no processo contemporâneo de constituição de subjetividades, assim como compreender as implicações da moda nas representações sociais de gênero na adolescência. Buscamos responder a pergunta **de que forma a moda influencia as representações sociais de gênero das adolescentes do Ensino Fundamental?** Para tanto, levantamos algumas considerações sobre as representações das alunas pesquisadas.

Mídia, Moda e Consumo

A influência da mídia nas representações destas adolescentes é explícita, no contexto pesquisado ela assume um lugar de mediação, visibilidade, compartilhamento de experiências e representação de uma realidade. Os padrões de corpo, beleza, cabelo, altura, orientação sexual são reproduzidos nas falas das adolescentes ao analisarem as imagens apresentadas, carregadas nos seus discursos com preconceito, embora em alguns momentos disfarçados.

Em relação à linguagem notamos que o programa “Esquadrão da Moda” desempenha papel importante nas análises imagéticas das estudantes, pois na mídia de moda, o erro é imperdoável. Elas aceitam e usam termos como “inadequada”, “adequada”, “estilo”, “arrumada”, “arrumado”, para mostrar que entendem de moda, porém as informações são equivocadas.

Os padrões corporais valorizados pelas adolescentes dizem respeito a estereótipos disseminados na mídia, o corpo masculino deve apresentar a barriga “tanquinho” associando os músculos definidos com saúde e beleza. Quanto ao corpo feminino os elementos valorizados são altura, magreza e cabelo liso. Vale destacar

que o cabelo liso é um requisito de beleza para as mulheres e homens, o cabelo crespo é considerado inferior pelas adolescentes e altamente rejeitado.

Em relação a moda percebemos que as adolescentes não trazem informações de moda, a concepção que trazem diz respeito a discursos da década de 1950 quando o padrão era a combinação de cores. Em alguns momentos a moda é vista como solução para a aparência considerada inadequada pelas adolescentes, a resolução das questões de gênero e aparência se dá com a troca das peças utilizadas por peças sugeridas pelas alunas. Como trocar uma camiseta justa para disfarçar a barriga, fazer uma chapinha para ficar bonita, colocar roupa de homem para parecer masculino, utilizar uma blusa rosa com estampas de coração ou borboleta para parecer feminina, trocar uma bota por uma rasteirinha, tirar uma camiseta “de pedreiro” e vestir uma camiseta de marca para ser considerado “mais homem”. Há a sugestão de uma representação como solução para as “inadequações” encontradas. Colocar uma camiseta da Hollister, usar um tênis da Adidas, etc., são exemplos da especificidade na resolução das inconveniências.

Nas análises referentes ao consumo, este se mostrou ligado ao Funk Ostentação e as marcas valorizadas por este movimento: Adidas, Hollister e GAP. O consumo mostrou-se como ferramenta de afirmação, para ocupar lugares até então não destinados à periferia. Não só a televisão é responsável pela referência da moda, mas é a mais acessível. Alguns ídolos adolescentes, com suas aparições na mídia, asseguram presença no imaginário adolescente. As estudantes assimilam modelos como se fossem reais. Essa proximidade aparente influencia na aparência e no comportamento do jovem. Assim, Anitta e MC Guimê são admirados e valorizados pelas adolescentes pesquisadas.

O consumo faz com que um grupo de indivíduos se diferencie com seus produtos, outro os populariza, assim, os grupos para manterem o prestígio buscam novos signos. Nesse ciclo o consumo se fortalece na manutenção da distinção social. Em uma sociedade capitalista são inegáveis as múltiplas influências da mídia sobre o consumidor. Se a moda sofre transformações, o consumidor também se transforma, no contexto da evolução tecnológica.

A compra de novos produtos promete satisfazer desejos e propiciar segurança e felicidade, porém os desejos são inúmeros e voláteis, as pessoas não estão completamente satisfeitas, uma vez que são constantemente estimuladas pela

indústria cultural, pela mídia, pelo grupo e pelos espaços que frequentam. Assim, resta apenas a ansiedade da felicidade ou momentos felizes fugidios, além da infelicidade provocada pelo desejo constante e pela conseqüentemente sensação de incompletude.

Gênero e heteronormatividade

A homofobia se revela no grupo de adolescentes em relação à orientação sexual feminina e masculina. Esse preconceito se evidenciou no uso de termos negativos em função dos valores sociais que carregam com relação ao assunto (sapatona, estranho, pata quebrada, mão quebrada). Embora exista na sociedade brasileira moderna, um esforço para desmistificar as questões de gênero, persistem ainda nas concepções das adolescentes pesquisadas, valores conservadores e preconceituosos.

Notamos que durante todo o grupo focal existiu uma postura pejorativa em relação à linguagem, as adolescentes não usaram ou evitaram, na maioria dos casos, termos já disseminados quando o assunto é orientação sexual, como homossexual ou heterossexual. Elas usaram termos pejorativos e gírias, como: mão quebrada e pata quebrada, palavras que reforçam e legitimam o preconceito e a discriminação, perpetuado por um modelo hegemônico da heterossexualidade.

Nas falas das adolescentes se revela uma concepção de relacionamento pautada em características bem delimitadas e definidas por um padrão social conservador, homem mais velho, que seja mais alto que elas, que utilize roupas consideradas por elas de homem, com cores de homem. Elas destacam ainda uma percepção sobre características ligadas à conduta moral do possível companheiro, há um consenso entre as pesquisadas acerca de uma suposta natureza infiel masculina. Tal característica está associada a uma sexualidade desenfreada e sem controle, com forte viés biológico.

Quanto às representações do feminino elas destacam ainda a cor rosa como sendo para a mulher, temas como borboletas e corações são considerados femininos, as roupas que mostram o corpo (curtas, decotadas, justas) são consideradas inadequadas, fora dos padrões tradicionais de conduta feminina, por agir e vestir-se de maneira considerada provocante.

Notamos que o discurso das adolescentes busca esmaecer e apagar as diferenças, marcando as manifestações das experiências dos corpos considerados desviantes, anormais, patológicos, em circulação nos espaços, seja nas escolas ou na sociedade em geral. Há uma maquinaria e uma engenharia que produzem ensinamentos que prescrevem e reiteram condutas centradas em padrões heteronormativos, sexistas, pautados numa moral sexual que anula a experiência das sexualidades e dos corpos.

A heterossexualidade é considerada como um padrão pelas estudantes e os homossexuais são concebidos socialmente estereotipados e estigmatizados como diferentes, defeituosos ou desiguais. O ato de fazer injustiças a partir de idéias pré-concebidas pela norma heterossexista e machista, define a todo o momento a orientação homossexual como patológica por violar tabus sexuais e ir contra papéis de gênero determinados pelo binarismo homem/mulher.

É interessante destacar a ligação das adolescentes com as músicas relacionadas ao gênero *funk*, que apresentam em suas letras uma mesma matriz discursiva, pautadas por características como: 1) relacionamentos afetivos realizam-se, sempre na lógica heterossexual; 2) nas relações descritas há um protagonismo masculino, os homens são citados como seres ativos nas situações de conquista; e 3) as mulheres são descritas como objetos para satisfação masculina.

Assim, notamos que existem em seus cotidianos discursos que valorizam as características produzidas por uma razão heteronormativa, que são reiteradas por outros discursos, como o religioso e biológico, e são operadas nessas diversas ordens e fixando comportamentos e ações tidas como naturais para mulheres e homens.

Religião

A visão que os povos tinham em relação à homossexualidade foi modificado pelo surgimento do cristianismo. As religiões cristãs passaram a condenar toda e qualquer forma de atividade sexual que não tivesse como finalidade a procriação. Assim, a homossexualidade passou a ser um dos alvos de condenação do cristianismo. Embora o Estado seja laico percebemos a influência da

religião na atual sociedade moderna, opiniões, crenças e valores expressos pelo pensamento religioso encontram-se claros nos discursos das adolescentes.

As instituições religiosas baseiam-se em ensinamentos teológicos e morais que os levam à argumentação para preservar a família, relacionando a homossexualidade com o pecado. Tem surgido nos últimos anos, principalmente de religiões protestantes e pentecostais, discursos contrários aos direitos dos homossexuais.

Criam-se então duas vertentes: 1) de um lado uma parcela da população que é religiosa e tem direito à liberdade de crença e pensamento, fé essa resguardada e legitimada pela Constituição Federal; 2) a orientação homossexual é pecaminosa e se tiver direitos trará consequências para a sociedade brasileira, pois ameaça a constituição natural da família e valores éticos e morais que a sociedade possui.

Esse conservadorismo e os preceitos morais religiosos ficam claros nas falas das adolescentes, porém é necessária uma educação que ensine que todos são iguais e que existem outras formas de viver o corpo e a sexualidade.

Raça

Infelizmente a instituição da escravidão no Brasil, mais do que representar um sistema hierárquico que se definia por uma relação de poder, na verdade serviu e ainda serve para disseminar a falsa ideia de uma “supremacia” branca em relação aos negros.

O fim da escravidão não serviu para pôr fim a esta relação de poder com base na cor da pele. O que se nota é que além das desigualdades sociais, houve a manutenção de uma hierarquia racial. Não podemos deixar de considerar que a escravidão no Brasil deve ser apontada como sendo a principal construtora dos estigmas que hoje são impostos a população negra e aos estereótipos da beleza branca.

Notamos que o racismo existe e sua prática ainda permeia as relações cotidianas, mesmo quando não aparece de uma forma explícita, seus contornos,

mesmo quando se tenta disfarçar ainda se faz notar por pequenos gestos, em palavras ou em “brincadeiras”.

Não podemos negar a existência do racismo, maquiado por uma falsa democracia racial pincelado por uma terminologia chamada alteridade. Trata-se de uma tentativa para amenizar as profundas relações antagônicas de raças ainda existentes em nossa sociedade e que emergem nos discursos das estudantes pesquisadas. Adolescentes que consideram o negro “estranho, esquisito, diferente”, que acreditam em um padrão de beleza calcado no cabelo liso, mesmo a custo da utilização da chapinha.

A reprodução da concepção negativa em relação a raça negra é regularmente propagada pela mídia, na escola e em outros espaços. É necessário questionar os estereótipos sobre os negros inculcados em nossa sociedade, as representações nas quais o negro é inferior precisam ser desconstruídas. Os papéis sociais não são naturais, são construídos nas relações sócio-históricas, mas podem ser transformados, é importante nesse sentido, discutir, interromper as linguagens, práticas e representações racistas.

Desejamos contribuir para a discussão do tema e a necessidade de mudança na educação e na sociedade. Queremos que a escola assuma seu potencial transformador, se por um lado, a escola não pode ser a única responsável pela reprodução do racismo, por outro as transformações de práticas e mentalidades racistas não ocorrerão sem ela.

Assim, visualizamos que as Representações Sociais de gênero das adolescentes do Ensino Fundamental II, pelo viés da Moda, ainda carregam as ideologias da cultura coletiva com estereótipos binários, preconceitos e valores conservadores. Essas representações de gênero norteiam as relações sociais no ambiente escolar, influenciando a relação aluna-aluna, aluna-aluno, aluna-professor, aluna-professora, etc.

Destaca-se assim, a importância da Educação Sexual no contexto escolar, buscando elucidar e (des)estigmatizar essas representações sociais de gênero.

Como desdobramentos desta pesquisa, pontuamos alguns desdobramentos, que funcionam como molas propulsoras para a continuidade da investigação do tema, investigando outros atores, como:

- ✓ Pesquisar as representações sociais dos meninos;
- ✓ Pesquisar as representações de professores e professoras.

Desse modo, não se pretendeu, com esta pesquisa, responder e esgotar a temática. Creemos que houve contribuição para fomentar e aprofundar a investigação sobre a Moda em intersecção com outras categorias analíticas, além de articulação entre os conhecimentos concebidos na academia e as áreas de experiência neste estudo no cotidiano escolar, possibilitando a apreensão da moda e das questões de gênero pelo olhar (des)construtivo das adolescentes frente a complexidade que se desvela cotidianamente a estas na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABDALLA, Carla Caires. **Rolezinho pelo funk ostentação**: um retrato da identidade do jovem da periferia paulistana. Dissertação (mestrado) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo. 2014. 101 f.
- ABRANCHES, Ana de Fátima Pereira de Sousa. **Representações sociais das professoras sobre o sucesso e o fracasso escolar**. 2000. 133 f. Dissertação (mestrado em educação) - Programa de Pós-graduação em Educação. Centro de Educação. Universidade federal de Pernambuco. Recife, 2000.
- ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antônia Silva Paredes e OLIVEIRA, Denize Cristina de (orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: ab, 1998.
- ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela. **Estudos Feministas**, v. 15, n. 1, p. 177-192, 2007.
- ANGELIN, Paulo Eduardo; TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **Gênero e migração em São Carlos-SP**: a representação dos papéis sociais pela mulher migrante segundo o contexto sociocultural e familiar. 2013.
- ARAGÃO, Elizabeth Fiúza (coord.) [et. al.]. **O fiar e o tecer**: 120 anos da indústria têxtil no Ceará /. Fortaleza:SINDITêxtil / FIEC, 2002.
- ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, novembro/ 2002 cadernos de pesquisa, n. 117, p. 127-147, novembro/ 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15555.pdf>>>. Acesso em janeiro de 2015.
- BAITELLO JR, Norval. O tempo lento e o espaço nulo: mídia primária, secundária e terciária. *Inn*: FAUSTO NETO, Antônio et al. (org). **Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**. Porto alegre, Edipucrs, 2001. Disponível em :<www.cisc.org.br>. Acesso em janeiro de 2015.
- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições 70, 1979.
- BARTHES, Roland. Inéditos, vol. 3: Imagem e Moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005
- BARTHES, Roland. **O sistema da moda**. São Paulo: EDUSP, 1979.
- BAUDRILLARD, Jean. A sociedade de consumo. Rio de Janeiro: Elfos Ed.; Lisboa: Edições70, 1995
- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de janeiro: Jorge Zahar ed., 2005.
- BERGAMO, Alexandre. Elegância e atitude: diferenças sociais e de gênero no mundo da moda. **Cadernos Pagu** (22) 2004: pp.83-113.

BORGES, Ana Luiza; SCHOR, Néia. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: Um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, n. 2), p. 499, 2005.

BORTOLINI, Alexandre. **Diversidade sexual na escola**. Rio de Janeiro: Pró-Reitoria de extensão/UFRJ, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *La Distinction*. Paris: Éditions de Minuit, 1979

BRASIL, 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90, de 13 de Julho de 1990. Brasília: Senado Federal.

BRUSCHINI, Cristina; AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 64, p.4-13, fev. 1988. Disponível em: <<
<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/cidadania/0026.html>>>. Acesso em janeiro de 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALDAS, Dario. **Universo da moda**. São Paulo - Anhembi Morumbi, 1999.

CRAIK, Jennifer. **The face of fashion**: cultural studies in fashion. Routledge, London, 1994.

CROSGRAVE, Bronwyn. *Historia de La moda: desde o Egipto hasta nuestros dias*. Barcelo: Editorial Gustavo Gili, 2005.

EVANGELISTA, Joéverson Domingues. Água benta e água consagrada: representações religiosas e representações de risco na periferia de São Carlos/SP. In: VALENCIO, N. **Sociologia dos Desastres**: construção, interfaces e perspectivas no Brasil Volume II. Interfaces (1st ed., p. 238). São Carlos: Rima Editora, 2010.

FERREIRA, Berta Weil. **Pontos principais do adolescente**. Porto Alegre: Sulina, 1998.

FERREIRA, Rosiane Araújo et al. Análise espacial da vulnerabilidade social da gravidez na adolescência. **Cad. saúde pública**, v. 28, n. 2, p. 313-323, 2012.

FRAGA, Alex. **Corpo, Identidade e Bom-mocismo**. Cotidiano de uma adolescência bem-comportada. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FRANÇA, Vera Veiga. No bonde da ostentação o que os “rolezinhos” estão dizendo sobre os valores e a sociabilidade da juventude brasileira? **Revista Eco-pós**, v. 17, n. 3, 2014.

FREITAS, Elisângela Panosso de; et al. Percepção de adolescentes sobre a prática sexual na adolescência. **Revista de Psicologia da criança e do adolescente**, v. 5, n. 2, p. 139-151, 2015

HEILBORN, Maria Luiza. Fazendo gênero? A antropologia na mulher no Brasil. In: OLIVEIRA, Costa Albertina de, e BRUSCHINI, Cristina (orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro/São Paulo: Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 93-126.

HOBBSAWM, Eric. **Tempos interessantes: uma vida no século XX**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

JODELET, D. **The representation of the body and its transformations**. In r. FARR & S. MOSCOVICI (eds.), social representations (pp. 211-238). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1984.

LANA, Lígia Campos de Cerqueira; CORRÊA, Laura Guimarães; ROSA, Maitê Gurgel. A cartilha da mulher adequada: ser piriguete e ser feminina no esquadrão da moda. In: **Revista Contracampo**, v. 24, n. 1, ed. julho, ano 2012. Niterói: Contracampo, 2012. p: 120-139.

LANA, Ligia. A popularização da periguete em telenovelas brasileiras recentes. **Rumores**, Brasil, v. 8, n. 15, p. 69-86, ago. 2014. ISSN 1982-677X. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/83565>>. Acesso em janeiro de 2015.

LEONARDO, João Batista. **Drogas: pergunta e respostas**. Maringá: Ed. Lions Clube, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOPES, Zaira de Andrade. **Meninas para um lado, meninos para outro**: um estudo sobre representação social de gênero de educadores de creche. Campo Grande: UFMS, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Formação Docente, Belo Horizonte**, v. 4, n. 4, p. 62-70, 2011. Disponível em: <<<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>>>. Acesso em 10 de março de 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, Luiz Heron da (org.). **Escola cidadã no contexto da globalização**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli e. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACIEL, Lidiane M. **Famílias e “famílias”**: trajetórias migratórias e arranjos familiares de trabalhadores rurais no município de São Carlos–SP. 2012.

MARX, Karl; ENGELS, Frederich; COGGIOLA, Osvaldo. **Manifesto comunista**. Boitempo Editorial, 1998.

MEDEIROS, Thaís Juliana; MALFITANO, Ana Paula Serrata. Mortalidade de jovens por causas externas em São Carlos, SP, de 2000 a 2010: consequência da interiorização da violência? **BEPA. Boletim Epidemiológico Paulista (Online)**, v. 9, n. 105, p. 04-17, 2012.

MELLO E SOUZA, Gilda de. **O espírito das roupas**. A moda no século dezenove. São Paulo: companhia das letras, 1987.

MESQUITA, Cristiane. **Moda contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis**. São Paulo: editora Anhembi Morumbi, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12ª. edição. São Paulo: Hucitec, 2000.

MIRA, Maria Celeste. O global e o local: mídia, identidades e usos de cultura. in **Margem** 3, PUCSP. São Paulo: Educ, 1997.

MIRANDA, Ana Paula de. **Consumo de moda: a relação pessoa objeto**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

MISKOLCI, Richard. **Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência**. Estudos Feministas, Florianópolis, 14(3). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n3/a06v14n3.pdf>.> Acesso em janeiro de 2015.

MONTE, A. **Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos**. Araraquara, 2007. 120f. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa)–Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

MOORE, Henrietta L. **Feminism and Anthropology**. Cambridge: Polity Press (in association With Brazil Blackwell). Ch. 1 and 2, 1988.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. Campinas/SP: Unicamp, 1999.

MORIN, E. **Cultura de Massas no século XX**: O Espírito do Tempo I – Neurose. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Pedrinho A. Guareschi (trad.) 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NECKEL, Roselane. A “sexualidade” e “vida a dois” nas revistas femininas e masculinas nos anos de 1970. **Caderno Espaço Feminino**, v. 17, n. 01, p. 317-333, 2007.

NEWMAN, Cathy. **Fashion**. Washington Dc: National Geographic Society, 2001.

NOVAES, Joana de Vilhena. Beleza e feiura: corpo femininae regulação social. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Org.). História do corpo no Brasil. São Paulo: Unesp, 2011. p. 477-506.

NOVELLI, Daniela. Desafios performáticos e paradoxais da juvenilização: (des) construindo identidades e representações discursivas através das imagens de moda. **Fazendo gênero diásporas, diversidades, deslocamentos** 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278185219_arquivo_da_nielanovellifg9.pdf>>. Acesso em janeiro de 2015.

ORTIZ, Renato. **O próximo e o distante**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2000

PERITO, Renata Zandomenico; RECH, Sandra Regina. Muito Além da Superfície. **Modapalavra e-periódico**. Disponível em: < http://argeu.ceart.udesc.br/modapalavra/edicao4/files/3_ensaio_perito_e_rech.pdf>. Acesso em 05 de janeiro de 2015.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de gênero e história social. **Revista estudos feministas**. Florianópolis, v. 17, n. 1, abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0104-026x2009000100009&lng=pt&nrm=iso>. doi: 10.1590/s0104-026x2009000100009. Acesso em janeiro de 2015.

RAGO, Margareth Hora. Cartografias de si no feminismo da diferença: Amelinha, Gabriela, Norma. **Revista Gênero**, v. 10, n. 2, 2012

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 515-540, 2001. Disponível em <<<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8638.pdf>>>. Acesso em 03 de março de 2015.

ROSEMBERG, Fúlvia. Subordinação de gênero e alfabetização no brasil. in: **Alfabetização: passado, presente e futuro**. São Paulo, FDE, 1993 (ideias, 19).

ROSEMBERG, Fúlvia; AMADO, Tina. Mulheres na escola. **Cadernos de Pesquisa**, v. 80, p. 62-74, 1992.

ROSEMBERG, Fúlvia; AMADO, Tina. Mulheres na escola. **Cadernos de Pesquisa**, n. 80, p. 62-74, 2013. Disponível em:

<<<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1004/1013>>>. Acesso em 08 de março de 2015.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro:UERJ, 1998.

SAFFIOTI, Heleieth. Rearticulando gênero e classe social. in: OLIVEIRA, Costa Albertina de e BRUSCHINI, Cristina (orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro/São Paulo: Rosa dos tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 183-215.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Aparência e poder: novas sociabilidades urbanas, em Florianópolis, de 1950 a 1970**. Tese de doutorado. Florianópolis: UDESC, 2005.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Teoria da moda: sociedade, imagem e consumo**. Barueri, SP: Estação das Letras editora, 2007.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: estação Liberdade, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação: sintoma de cultura**. São Paulo, SP: Paulus, 2004.

SANTOS DE MATOS, Maria Izilda. História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. **Mandrágora**, v. 19, n. 19, p. 5-15, 2013.

SANTOS, Ângela Maria dos. **Vozes e silêncio do cotidiano escolar – relações raciais entre alunos negros e não-negros**. (Coleção educação e relações raciais,4), Cuiabá: EDUFMT,2007.

SAPIR, Edward. **Fashion encyclopedia of the social sciences**. vol 6. New York: Macmillan, 1931.

SARTI, Cynthia. Família y género en barrios populares de brasil. In: MONTES, Soledad Gonzales (coord.). **Mujeres y relaciones de género en la antropología latinoamericana**. México, d. f.: El colegio de México. 1994, p. 55-70.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. jul/dez.1995.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Processos de socialização, práticas de cultura e legitimidade cultural. **Estudos de Sociologia**, v. 15, n. 28, 2010.

SILVA, Virgínia Ferreira da. Migrantes na periferia urbana: redes sociais ea construção do bairro. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 1, 2007.

SIMMEL, Georg. Da psicologia da moda: um estudo sociológico.in: SOUZA, j. e ÖELZE, b. (orgs.) **Simmel e a modernidade**. 2.e.brasília: editora UNB, 2005.

SOUZA FILHO, Edson Alves de. Análise de representações sociais. In: SPINK, Mary Jane. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/set, 1993

SPINK, Mary Jane P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/set, 1993.

STEFFEN, Daniela. A influência dos figurinos de novela na moda brasileira. In: **Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro: UERJ. 2005.**

SUÁREZ, Mireya. A problematização das diferenças de gênero e a antropologia. In: NEUMA, Aguiar (org.). **Gênero e ciências humanas**. Desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1997, p. 31-48 (coleção gênero).

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

WOLFF, Cristina Scheibe; POSSAS, Lidia M. Vianna. Escrevendo a história no feminino. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 3, p. 585-589, 2005.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

- 1) Você é convidado a participar da pesquisa “Representações sociais de gênero, sexualidade e orientação sexual a partir da linguagem de moda em um grupo de estudantes do ensino fundamental II”
- 2) Sua participação não é, em absoluto, obrigatória, e seu nome não será objeto de nossos registros, tenha você aceitado ou recusado participar.
- 3) Os objetivos deste estudo são levantar informações e opiniões que revelem suas concepções sobre como a moda infere questões voltadas à orientação sexual e as pluralidades da diversidade sexual no âmbito escolar.
- 4) Sua participação nesta pesquisa consistirá em opinar sobre imagens e temas apresentados em um grupo focal (reunião de 6 a 12 pessoas), segundo os objetivos mencionados acima (Item 3). O processo envolve itens relacionados às representações de gênero, sexualidade e moda na instituição escolar contemporânea.
- 5) Os benefícios esperados para esta pesquisa dizem respeito, sobretudo, à ampliação dos conhecimentos científicos sobre a concepção das alunas sobre representações sociais de gênero, sexualidade e orientação sexual no ambiente escolar.
- 6) Os eventuais riscos de um grupo focal dizem respeito a possíveis desconfortos, sentimentos e emoções suscitadas pelos temas apresentados, ou, ainda, relacionadas ao ambiente em que são realizados (sentimento de insegurança, exposição pessoal, falta de empatia com a pesquisadora, etc.). Para isso, estabelecemos como condições preventivas básicas que a participante esteja em local reservado e confortável, de modo a sentir-se completamente à vontade e segura. Em segundo lugar, que possa, em caso de incômodos ou desconfortos, ter total liberdade de interromper o grupo focal a qualquer momento, negando-se, inclusive a prosseguir ou fazê-lo em outro momento.
- 7) Você poderá se certificar e exigir, a qualquer tempo, esclarecimentos sobre os procedimentos de pesquisa e os encaminhamentos dos dados (registro, sigilo, anonimato, cuidados, tratamentos dos dados etc.). Do mesmo modo, poderá entrar em contato com a orientadora da pesquisadora a qualquer tempo, para solicitar encaminhamentos ou apresentar reclamações ou sugestões específicas sobre a pesquisa e o tratamento recebido.
- 8) É garantida, incondicionalmente, sua liberdade em recusar a participar ou retirar o presente consentimento de participação, em qualquer momento da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo à sua pessoa e identidade, pessoal, profissional e institucional. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação

com a pesquisadora ou com sua instituição de origem (Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP).

- 9) As informações obtidas por meio da pesquisa serão **confidenciais** e asseguramos o sigilo sobre sua participação, inclusive de sua turma dentro da Escola. Os dados serão divulgados de forma a não possibilitar, sob qualquer hipótese, sua identificação, já que seu nome e qualquer informação relativa às suas atividades não serão explicitadas, mas sim, substituídas por códigos alfanuméricos.
- 10) Não estão previstos gastos de nenhuma espécie por parte das pesquisadas ou que os onerem, e, caso ocorram em função da pesquisa, serão devidamente ressarcidos, o que, a princípio, não se aplica ao presente caso, que não demanda deslocamentos, gastos ou consumos.
- 11) Caso haja qualquer dano comprovado em decorrência de sua participação na pesquisa este será devidamente **indenizado**, bastando procurar a pesquisadora no endereço ou telefone presente neste documento.
- 12) Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora e da orientadora, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisadora: Francisleth Pereira Battisti
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP
Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara
Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1 –
CEP: 14800-901 – Araraquara – SP- Brasil
E-mail: frannbattisti@hotmail.com
Tel.: (16) 98195-XXXX

Orientadora: Prof.^a. Dra. Célia Regina Rossi
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- UNESP
Instituto de Biotecnologia de Rio Claro- Departamento de Educação. Av. 24 A, 1515,
Bela Vista 13506900 - Rio Claro, SP - Brasil

Declaração

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara- UNESP, localizada à Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1 – Caixa Postal 174 – CEP: 14800-901 – Araraquara – SP – Fone: (16) 3334-6263 – endereço eletrônico: comitedeetica@fclar.unesp.br.

São Carlos, _____ de _____ de _____.

Assinatura da participante da pesquisa

Assinatura do responsável da participante da pesquisa

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE GRAVAÇÃO E DE USO

Venho, pelo presente, **AUTORIZAR** a gravação de áudio do grupo focal com o tema: “Representações sociais de gênero, sexualidade e orientação sexual a partir da linguagem de moda em um grupo de estudantes do ensino fundamental II”, que será realizado na Escola Estadual “Ary Pinto das Neves”, bem como autorizar a utilização do material sonoro para fins estritamente de Pesquisa, Acadêmicos e Educacionais.

A presente AUTORIZAÇÃO é feita a título gratuito, por tempo indeterminado, abrangendo o uso em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades. Por ser esta a expressão de minha vontade DECLARO que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

São Carlos, ____ de _____ de _____.

Assinatura da participante da pesquisa

Assinatura do responsável da participante da pesquisa

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

FACULDADE DE CIÊNCIAS E
LETRAS - UNESP - CAMPUS
ARARAQUARA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO, SEXUALIDADE E ORIENTAÇÃO SEXUAL A PARTIR DA LINGUAGEM DE MODA EM UM GRUPO DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Pesquisador: Francieleth Pereira Batista

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 34313214.8.0000.5400

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus Araraquara

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 875.755

Data da Relatoria: 05/10/2014

Apresentação do Projeto:

Apresentação boa e satisfatória.

Objetivo da Pesquisa:

Claros e pertinentes, conforme já observado em pareceres anteriores desse comitê.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Bem avaliados e apresentados adequadamente, também conforme já observado em pareceres anteriores desse comitê.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de pesquisa bem orientado e de grande importância para os estudos da área, conforme já observado em pareceres anteriores desse comitê.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Não há considerações além daquelas já observadas em pareceres anteriores desse comitê.

Recomendações:

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, encontra-se redigido de maneira clara e contempla todos os requisitos normativos estabelecidos pela Res. CONEP 466/12, recomenda-se somente a substituição de contatos pessoais por institucionais.

Endereço: Rod. Araraquara- Jd. Rio 1

Bairro:

CEP: 14.200-401

UF: SP

Município: ARARAQUARA

Telefone: (16)301-6224

Fax: (16)332-0698

E-mail: ata@fclar.unesp.br

FACULDADE DE CIÊNCIAS E
LETRAS - UNESP - CAMPUS
ARARAQUARA



Continuação do Parecer: 075.733

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências e inadequações.

Recomendado a pesquisadora atenção para observância da Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466, de 12 de dezembro de 2012, quando em seu relatório final deverá comprovar o atendimento do seguinte requisito normativo:

f) garantia de que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto de pesquisa apresentado encontra-se adequado em conformidade com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Por essa razão, é considerado o referido projeto dentro de padrões éticos, com manifestação FAVORÁVEL a sua aprovação, conforme deliberação do Comitê de Ética em Pesquisa desta Faculdade, reunido em 17 de novembro de 2014. O relatório final do projeto deverá ser entregue um mês após o término da pesquisa.

ARARAQUARA, 18 de Novembro de 2014

Assinado por:
Alexandre Rossi
(Coordenador)

Endereço: Rod. Araraquara-Juá Km 1
Bairro: CEP: 14.800-901
UF: SP Município: ARARAQUARA
Telefone: (18)3301-8224 Fax: (18)332-0898 E-mail: eta@fclar.unesp.br